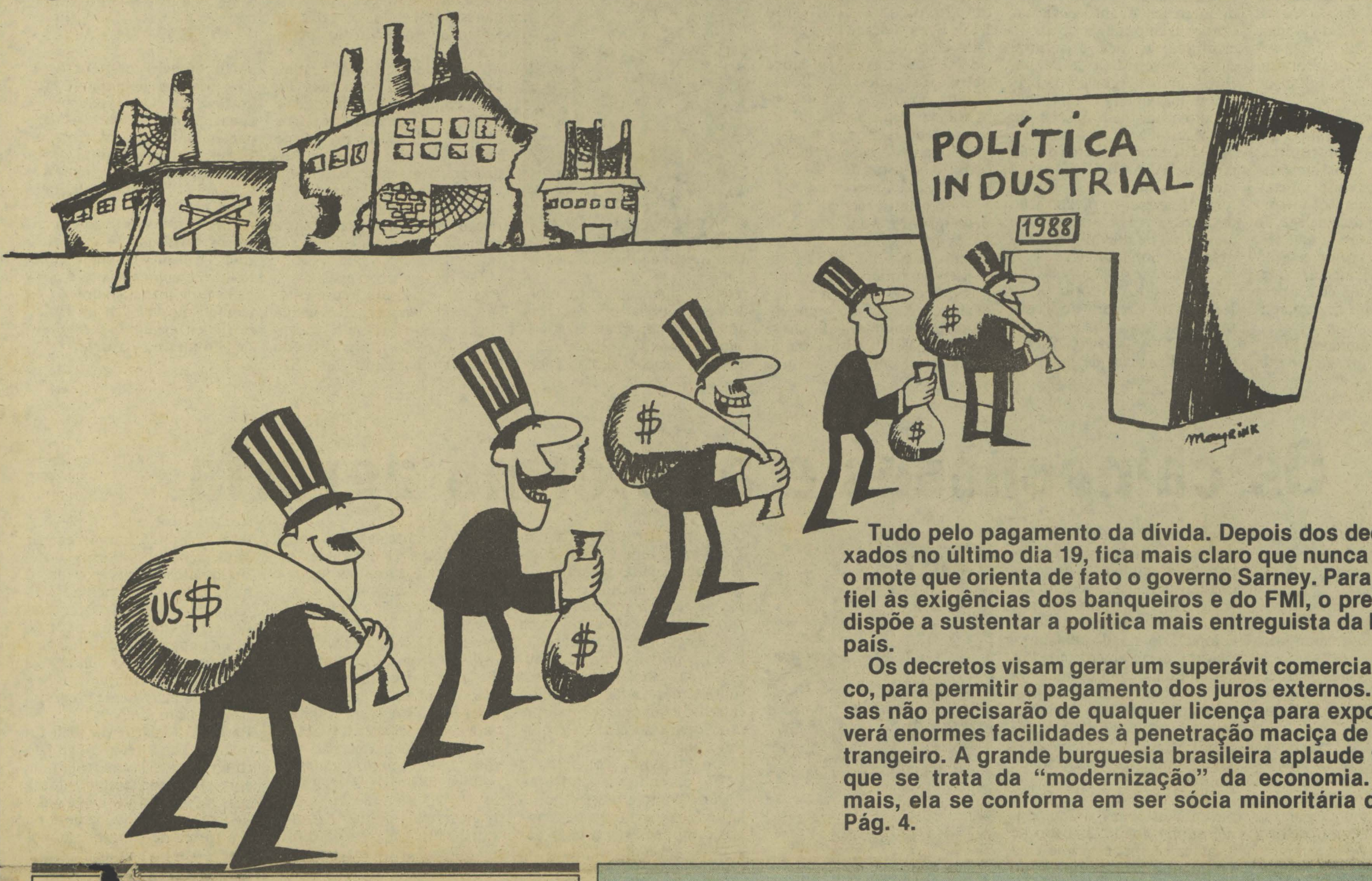
Tribuna da Luta Operária

ANO IX — Nº 361 — DE 23 A 29 DE MAIO DE 1988 — Cz$ 40,00

Política Industrial de Sarney

CAMPO LIVRE PARA AS MULTINACIONAIS



Tudo pelo pagamento da dívida. Depois dos decretos baixados no último dia 19, fica mais claro que nunca que este é o mote que orienta de fato o governo Sarney. Para manter-se fiel às exigências dos banqueiros e do FMI, o presidente se dispõe a sustentar a política mais entreguista da história do país.

Os decretos visam gerar um superávit comercial gigantesco, para permitir o pagamento dos juros externos. As empresas não precisarão de qualquer licença para exportar. E haverá enormes facilidades à penetração maciça de capital estrangeiro. A grande burguesia brasileira aplaude tudo, e diz que se trata da "modernização" da economia. Cada vez mais, ela se conforma em ser sócia minoritária das multis. **Pág. 4.**

Julgamento das urnas

Tem grande importância a aprovação pela Câmara Federal de uma regulamentação de emergência para as eleições municipais de 15 de novembro, ameaçadas pelo governo. Mas ainda é preciso manter cerrada vigilância pois a medida terá que ser aprovada pelo Senado e, depois, submetida à sanção presidencial. E na Constituinte, na votação das disposições transitórias, podem ocorrer novas trapaças para impedir o pleito.

Paralelamente à campanha eleitoral — que já vem tomando corpo — todos os democratas continuarão a luta para que, também neste ano, sejam realizadas eleições presidenciais. A cada dia fica mais evidente que a presença de Sarney em Brasília provoca uma sucessão interminável de crises e atentados à soberania nacional — veja-se por exemplo o último decreto favorecendo ainda mais as multinacionais, sob a capa de modernização da indústria.

Mas mesmo no caso dos brasileiros não conseguirem vitória para a bandeira de quatro anos para Sarney, o governo não poderá evitar o seu julgamento em 15 de novembro, embora o pleito seja municipal. Os candidatos a prefeito e vereadores, para merecerem o voto do povo terão, acima de tudo, que denunciar cabalmente a corrupção, os desmandos e o entreguismo dos donos do poder. Embora a contragosto, os governantes forçarão uma maior politização das campanhas municipais.

Em geral imagina-se que o pleito municipal deva se restringir aos assuntos locais e, particularmente nos municípios mais atrasados, às inevitáveis promessas de chafarizes nas praças centrais. Mas a consciência política do povo elevou-se muito. Hoje, por todo lado, ouve-se o cidadão comum comentar as ameaças da dívida externa, as imposições do FMI, a senvergonhice das autoridades. Estes assuntos invadirão certamente as campanhas eleitorais de 15 de novembro.

A cúpula do PMDB também não escapará da condenação popular nas urnas. Ulysses Guimarães em particular, que posou de grande democrata nas jornadas das diretas-já, em 1984, revelou-se como um dos baluartes do conservadorismo, ajudando ao "Centrão" em inúmeras ocasiões. Em função disto é que existe grande expectativa em relação ao novo partido, que há tempos se anuncia, formado com setores progressistas descontentes com a capitulação do PMDB aos ditames de Sarney.

Por tudo isto, as eleições municipais terão força de um verdadeiro plebiscito. Em cada localidade o povo responderá aos que sabotaram a Constituinte, aos que traíram as promessas da batalha eleitoral de 1986 e, em particular, a Sarney, que jurou realizar uma transição para a democracia e enveredou por uma nova ditadura, tão submissa, ou mais, ao capital estrangeiro, quanto o regime militar.

Pela primeira vez desde 1947, os comunistas participarão de eleições municipais com sua própria legenda. E a direção do PCdoB já anunciou que terá candidatos no maior número possível de municípios. A atuação aguerrida de milhares de comunistas, levantando suas bandeiras vermelhas por toda parte, e, em particular aproveitando o debate eleitoral para apresentar as propostas revolucionárias aprovadas no 7º Congresso do PCdoB, dará um caráter mais combativo ao pleito. Os comunistas sabem, e declaram isto abertamente, que as eleições não têm capacidade para provocar transformações profundas exigidas pelo povo. Mas o debate que provocam e a mobilização de massas que proporcionam podem influir enormemente no avanço do movimento revolucionário. E as bancadas progressistas eleitas podem dar novos impulsos a este processo de acumulação de forças.

Sucesso no 7.º Congresso do PCdoB

Foto: Aguinaldo Zordenoni

"Não se chega à revolução caminhando sozinho"

O Brasil se encontra numa encruzilhada histórica, e só a superará de forma positiva através de uma ampla unidade das forças progressistas. Na atual etapa da revolução brasileira ganha importância a luta pela soberania nacional. É preciso dar prioridade ao crescimento da organização comunista entre os operários em especial nas grandes fábricas.

Estas são algumas das conclusões mais importantes a que chegou o 7º Congresso do PCdo B, encerrado no último dia 15. A Tribuna Operária **entrevistou operários e camponeses presentes ao evento. A opinião deles, e a cobertura completa da solenidade de encerramento do congresso, onde a Orquestra Sinfônica Jovem de Campinas deu um show à parte estão nas páginas 3 e 8. Na página 5, a condenação da** perestroika.

Albânia vai ter convênios com o Brasil

Piro Kondi e Agim Popa, da delegação albanesa que visita o Brasil, estiveram na Constituinte e na Universidade de Brasília, onde manifestou-se o interesse em estabelecer intercâmbio cultural e científico com a Albânia. Eles foram homenageados pela Assembléia Legislativa do Rio. Pág. 2

Tigré enfrenta atraso, fome e soviéticos

Addis Alem, representante da Frente Popular de Libertação do Tigré, esteve em visita ao Brasil e participou do 7º Congresso do Partido Comunista do Brasil. Em entrevista à **Tribuna Operária**, ele traçou um quadro da difícil situação em que sobrevive o povo de sua terra, uma região que faz parte da Etiópia, a nordeste da África. Considerado um dos países mais atrasados do mundo, este país é dominado por militares a soldo da União Soviética, seu maior parceiro econômico, que nos últimos anos "aplicou" 5 bilhões de dólares em ajuda militar ao governo do coronel Mengistu Hailé Mariam. A FPLT, entretanto, já libertou cerca de 85% do território do Tigré, onde vive 90% da população. Página 2.

Sarney perde no plebiscito

No momento em que encerrávamos esta edição, a Ordem dos Advogados do Brasil, seção São Paulo, ainda não tinha os resultados finais do plebiscito realizado dia 19 sobre a duração do mandato do presidente José Sarney. Mas os números apurados registravam 112.880 votantes. Destes, 102.906 disseram "sim" às eleições presidenciais ainda este ano; 9.280 disseram "não" e 694 votos estavam em branco ou foram anulados.

O plebiscito foi promovido pela OAB, com o apoio de mais de 80 entidades, inclusive o PC do B, e aberto a todas as pessoas maiores de 16 anos que apresentassem um documento. O presidente da OAB, Márcio Thomaz Bastos, afirmou que espera que a Constituinte aprove as eleições diretas para este ano: "O Congresso constituinte tem de traduzir a opinião da maioria da população brasileira sobre o mandato do presidente José Sarney". Em Vitória, Espírito Santo, foram distribuídas 106 urnas. Apuradas as primeiras 20, já eram registrados 6.123 votos pelas diretas-88, e apenas 444 por cinco anos para Sarney.

Foto: Aguinaldo Zordenoni

As diretas-já tiveram esmagadora maioria

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

ALBÂNIA

Sucesso na visita ao Brasil

Piro Kondi, deputado da Assembléia Popular da Albânia, e Agim Popa, ambos integrantes da delegação do Partido do Trabalho da Albânia em visita ao Brasil, estiveram em Brasília para travar contatos políticos e culturais. Os albaneses encontraram-se com os deputados Plínio Arruda Sampaio (PT), Amaury Muller (PDT), Rachel Capiberibe (PSB), Sigmaringa Seixas, Renan Calheiros, Anna Rattes, Uldurico Pinto, Paulo Ramos (PMDB), Haroldo Lima, Aldo Arantes, Eduardo Bonfim, Lídice da Mata e Edmilson Valentim (PCdoB).

Os brasileiros propuseram que, logo após o término dos trabalhos da Constituinte, uma delegação de parlamentares brasileiros visite oficialmente a Albânia, o mesmo ocorrendo com uma delegação de parlamentares albaneses. Piro Kondi disse que esse intercâmbio parlamentar interessa muito à Albânia e espera que efetivamente se concretize.

A delegação albanesa foi recebida pelo presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, e visitou o plenário da Constituinte, sendo saudada pela mesa que dirigia os trabalhos, presidida naquele momento pelo senador Mauro Benevides. Diversos parlamentares, inclusive do PFL, registraram em plenário a presença dos albaneses.

Na visita dos albaneses à Universidade de Brasília, o reitor Cristóvão Buarque disse do interesse da UnB em firmar um convênio de cooperação científica, técnica e cultural com a Universidade de Tirana. Piro Kondi e Agim Popa participaram, ainda, de um debate convocado pela Associação de Amizade Brasil-Albânia, com a presença de cerca de 250 pessoas. A AABA promoveu também uma Mostra da Cultura Albanesa, com exposição de fotos, livros e artesanato e a exibição de dois filmes albaneses — "Sonhos deixados para trás" e "Chuvas de outono", no Auditório Nereu Ramos, da Câmara de Deputados.

HOMENAGEM NO RIO

A reafirmação da independência e soberania nacional foi destacada pelo dirigente do PTA, Piro Kondi, na sessão especial da Assembléia Legislativa do Rio, dia 18, em homenagem à delegação albanesa. Foi a primeira visita oficial de uma delegação da Albânia ao nosso país, o que foi considerado por Piro Kondi "uma vitória do povo brasileiro".

A sessão solene foi convocada por proposição da deputada Jandira Feghali, do PCdoB, e presidida pelo deputado Gilberto Rodriguez, presidente da Casa Legislativa que elogiou o desempenho e a luta do povo albanês "pela liberdade e pela construção" de um país de economia autônoma e que "combateu com destemor o fascismo de Mussolini durante a II Guerra".

A total ausência de crises, desemprego e inflação na Albânia foi ressaltada por Piro Kondi. A Assembléia Legislativa estava totalmente tomada por populares, lideranças sindicais e de bairros, representantes de entidades de classe (como a OAB e ABI) e parlamentares. Kondi descartou a

Piro Kondi, no Rio de Janeiro

tese de isolamento, disseminada pelo imperialismo americano e social-imperialismo soviético, afirmando que a Albânia mantém relações diplomáticas com 120 países e relações comerciais com outros 50.

POVOS AMIGOS

O dirigente albanês denunciou os conchavos mantidos pelo presidente dos EUA, Ronald Reagan, e o primeiro-ministro da URSS, Mikhail Gorbachev, que visam a manutenção da dominação sobre os povos. Denunciou também o governo da Iugoslávia pelos constantes ataques ao povo albanês, localizado na região de Kossova, em território iugoslavo.

A deputada Jandira Feghali saudou os representantes do PTA em nome da "liberdade e da fraternidade entre os povos amigos". Elogiou o presidente da Assembléia, Gilberto Rodriguez, por acatar, juntamente com a mesa diretora da Casa, a convocação da sessão especial, bem como por tomar a iniciativa de coordenar o ato político.

Os setores progressistas do PMDB estiveram representados pela deputada Heloneida Studart, que saudou a realização do 7º Congresso do PCdoB encerrado em São Paulo dias antes. Participaram da sessão solene o presidente do PCdoB, João Amazonas; o diretor da AABA, Luiz Manfredini; o representante da Associação Brasileira de Imprensa, Augusto Villas-Boas, e o vice-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor Alexandre Cardoso.

Piro Kondi e Agim Popa deixaram o Brasil na noite de 18 de maio. (*das sucursais*).

ERRATA

No número passado desta TO, por um lamentável erro gráfico, na reportagem publicada na pág. 2 sobre os dirigentes albaneses em visita ao Brasil, o trecho final ficou truncado. O texto correto é: (...) pela liberdade, pela independência e pelo socialismo — contra o anticomunismo, contra os revisionistas de todo o tipo — particularmente aqueles que se colocam contra o socialismo e pela restauração do capitalismo clássico na União Soviética, seguindo o caminho de Bukharin, Kruschov etc. (...)

PERU

Os camponeses e a reforma agrária

O secretário do Comitê Executivo Nacional e assessor jurídico da Confederação Camponesa do Peru, Saturnino Paredes Macedo, em entrevista à **Tribuna Operária**, deu um panorama da luta camponesa em seu país:

TO: Quais os setores de trabalhadores do campo que participam da Confederação Camponesa do Peru?

Paredes: A CCP congrega atualmente várias federações departamentais de camponeses e trabalhadores agrícolas, num total de 4 milhões em sua base. Dos principais setores que participam desta entidade, estão os operários e "peões" agrícolas (que chegam a 90 mil assalariados); pequenos proprietários agrícolas (com cerca de 1 milhão em todo o país); os arrendatários agrícolas (reunindo 100 mil, mas em processo de diminuição); as comunidades camponesas, herdeiras de comunidades tribais incaicas (existem mais de 5 mil espalhadas em várias regiões); e, por fim, as comunidades nativas, com seu próprio idioma (em pequena escala).

TO: Desde a dominação espanhola que os camponeses peruanos lutam contra a opressão. Qual tem sido a orientação do CCP?

Paredes: Os camponeses peruanos têm uma larga tradição de luta. Grandes levantes espontâneos contra a dominação latifundiária se deram em várias fases de nossa história. Hoje, o Peru é um país semicolonial, dominado pelo imperialismo norte-americano. Por isso mesmo, o programa da CCP procura ligar a luta pela terra com a questão nacional. Nosso lema é: TERRA E LIBERTAÇÃO NACIONAL!

TO: E qual foi a origem da Confederação?

Paredes: A Federación General de Yanaconas y Campesinos surgiu em 1922, fruto de levantes camponeses que chegaram até a justiçar um prefeito departamental. Várias federações regionais sob a direção de Juan H. Pevez Oliveros (que ainda vive) se unificaram mas ainda não abarcavam todo o país. Somente em 1941 é que se organizou um Congresso Camponês que fundou a CCP reunindo todos aqueles setores que mencionei acima, sendo a esmagadora maioria composta de camponeses pobres e médios. Os ricos se recusaram a participar da organização.

No início da década de 70, vários dirigentes foram presos e somente foram libertados (inclusive eu mesmo) por uma poderosa greve geral que contou com a participação dos

Saturnino Paredes, da CCP

operários urbanos. A classe dos latifundiários que garante o monopólio da terra e a violência contra os que nela trabalham está dividida em basicamente três grandes blocos: o da Igreja (detém 20% das terras), o dos latifundiários mestiços (com 60%) e o das companhias americanas, italianas e alemãs, que controlam o restante.

TO: Em que bases se assenta o programa de luta da CCP?

Paredes: O primeiro princípio é o de que a Reforma Agrária é uma bandeira de luta do campesinato subordinado à uma estrutura atrasada. Trata-se de uma exigência antilatifundiária. O segundo, é o que procura vincular o problema da terra à questão nacional, especialmente no que toca à presença norte-americana. O terceiro princípio é o da educação das massas camponesas sobre a necessidade da união entre os camponeses e os operários para se chegar a uma Reforma Agrária efetiva. Do ponto de vista concreto, a CCP entende a Reforma Agrária como a destruição do latifúndio e a entrega de terras aos camponeses; no caso das grandes fazendas capitalistas, o objetivo da CCP é transformá-las em granjas coletivas administradas pelos trabalhadores; nosso plano inclui, ainda, a devolução de terras usurpadas das comunidades camponesas e o respeito à propriedade dos pequenos e médios proprietários, sem colocar no alvo os camponeses ricos. Como medidas complementares, levantamos:

1) apoio creditício e técnico; 2) adequação da educação dos camponeses aos objetivos da reforma agrária; 3) saneamento e eletrificação das comunidades camponesas; 4) construção de vias de transporte da produção e comunicação telegráfica e telefônica; 5) instalação de postos de saúde e de higiene; 6) suspensão de todos os abusos e 7) liberdades democráticas, garantias legais e anistia aos camponeses.

TO: Qual tem sido a reação do governo?

Paredes: Os militares no poder em 1969 promoveram um arremedo de Reforma Agrária ousando também criar uma Confederação Nacional Agrária para concorrer com a CCP, de forma paralela, que não vingou. A CCP, então, adotou a política de exigir a aplicação da lei do governo e fazê-la avançar mais ainda. Assim o movimento em prol da reforma agrária criou mais fôlego. Os camponeses foram tomando consciência de que não era intenção real do governo fazer a reforma agrária. Essa conscientização de grandes massas levou o governo a várias derrotas, sendo obrigado a aplicar a lei em muitas ocasiões. Mas os latifundiários não ficaram passivos e procuraram tomar de assalto as organizações administrativas criadas pelo decreto governamental. Os Conselhos de Administração se converteram em antros de latifundiários. Os que conseguiram receber pagamentos por suas terras, passaram a construir pequenas indústrias de ferramentas agrícolas, cobrando elevados preços pelos produtos produzidos. Outros se dedicaram à importação de implementos, também auferindo altos lucros. O fato é que a produção agrícola foi diminuindo. O Peru de exportador de produtos básicos, passou a importador de alimentos como o açúcar e a batata.

TO: Como os camponeses têm encarado a atividade do grupo Sendero Luminoso?

Paredes: A partir de 1980 foi quando surgiu esse movimento terrorista. Trata-se de uma corrente maoísta que recruta seus militantes nas universidades com o objetivo de impor a sua forma de luta aos camponeses. Adotam a teoria de que é necessário destruir os meios de produção para chegar à revolução. Assim pensando, eles tem sistematicamente explodido inúmeras fábricas, tratores e até vacas produtoras de leite. As comunidades camponesas que possuem algum tipo de melhoramento em suas instalações, também têm sido alvo de ataques constantes. Os senderistas têm cercado aldeias camponesas à procura de adeptos. E quando encontram resistência, assassinam as crianças e violam as mulheres para intimidá-los. A própria classe operária já se coloca contra essa concepção exdrúxula, protestando através de suas próprias organizações de classe.

TIGRÉ

A luta pela independência, contra o atraso e a fome

Como se não bastasse o clima desfavorável, onde o povo é obrigado a conviver com secas regulares, inundações, pragas de gafanhotos, outras calamidades, mais terríveis ainda, assolam a Etiópia. Este país, situado a nordeste da África, com uma população de quase 45 milhões de pessoas, e considerado uma das economias mais precárias do mundo, sofre a violenta opressão das classes dominantes da nacionalidade **Amhara** com o apoio do imperialismo soviético. O Tigré, uma das nações que compõem a Etiópia, já foi oprimida tanto política, quanto economica e culturalmente pelos sucessivos governantes de Menelik aos atuais militares fascistas dirigidos por Mengistu Hailé Mariam.

Mas os habitantes do Tigré não se submeteram à opressão nacional. Em fevereiro de 1974, um grande levante popular de caráter espontâneo foi seguido pela intensificação da exploração governamental em todos os campos, do religioso ao salarial. Chegou-se ao absurdo de impor decretos que aboliam todos os direitos democráticos do povo, inclusive o direito de pensar, como se isso fosse possível.

Em setembro do mesmo ano, Mengistu foi obrigado a promover algumas reformas demagógicas para tentar impedir um novo levante. É desta época o decreto de Reforma Agrária, (que acabou beneficiando apenas os camponeses ricos), o que nacionalizou o comércio externo, entre outras medidas que acabaram não sendo implementadas. O povo continuou a resistência, através de vários movimentos de libertação e pela auto-determinação nacional, como a Frente Popular de Libertação do Tigré (FPLT).

Addis Alem, porta-voz da FPLT que veio ao Brasil participar do 7º Congresso do Partido Comunista do Brasil, concedeu entrevista à **Tribuna Operária:**

TO: Como foi criada a Frente Popular de Libertação do Tigré?

Alem: A FPLT nasceu em fevereiro de 1975, como resultado de um poderoso movimento popular que exigia direitos democráticos para o povo do Tigré. Papel destacado nesta tarefa cumpriu a organização dos comunistas da Liga Marxista-Leninista do Tigré. O programa desta Frente colocou como alvos principais a serem atacados: o social — imperialismo soviético, o capitalismo burocrático e o feudalismo.

TO: Qual a situação atual da região do Tigré?

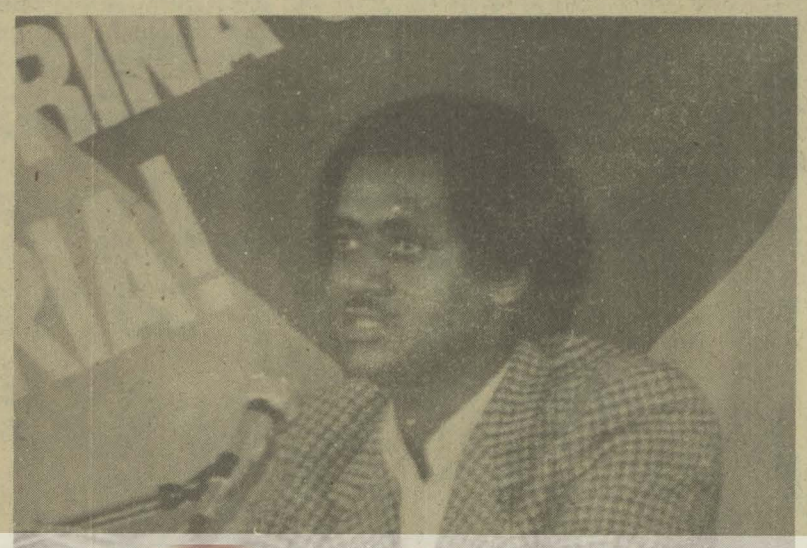
Alem: Cerca de 85% do território do Tigré está libertado, onde vive 90% da população. As tropas governamentais estão confinadas apenas em algumas cidades. Mesmo assim, a FPLT em ofensiva recente desencadeada nos meses de fevereiro e março, libertou nove cidades, enfrentando bombardeios constantes da aviação da didatura de Mengistu que não tem hesitado em utilizar **napalm** para arrasar plantações e matar milhares de civis.

TO: Qual a participação da URSS na Etiópia?

Alem: A URSS já forneceu mais de 5 bilhões de dólares em armas ao governo Mengistu. Além disso, mantém em território etíope cerca de 4 mil "conselheiros" militares. Com o apoio soviético, o governo central desencadeou várias ofensivas contra os guerrilheiros que lutam pela autonomia e pela democracia no país, especialmente na região da Eritréia, no deserto de Ogaden e no Tigré.

Desde 1978 a URSS mantém um "Tratado de Amizade" com a Etiópia, que a transformou em seu principal parceiro econômico. Com uma renda per capita de 147 dólares, a denominada "República Democrática da Etiópia" — que nada tem de democrática — produz café, algodão, milho, cevada, trigo, sorgo e extrai ouro, platina, sal, minério de ferro, manganês, potássio, que, sem dúvida, têm sido útil aos interesses estratégicos da União Soviética.

TO: Como atuam as forças populares do Tigré?



Addis Alem discursa numa das sessões do 7º Congresso do PC do B

Alem: A guerra popular em nossa nação se desenvolve em três níveis: a FPLT organizou um exército regular, composto de inúmeras divisões, encarregado de travar batalhas de posição com tropas governamentais; em cada região são mantidos batalhões locais, de milícias populares que restringem suas ações a áreas determinadas e, por fim, são incentivados os sistemas de autodefesa das aldeias, à base de guerrilhas.

Apesar de se verificar no Tigré a ação desagregadora do governo Mengistu com ataques aéreos às regiões libertadas, a FPLT vem reconstruindo parte da infra-estrutura como foi o caso de 60 escolas públicas, 60 clínicas de atendimento médico e odontológico, desenvolvendo também sistemática educação do povo para modificar as concepções, as técnicas e os métodos de trabalho na agricultura.

TO: A revolução na Etiópia, na opinião dos comunistas, encontra-se em que etapa?

Alem: Em seu último congresso, realizado em 1985, a Liga Marxista-Leninista do Tigré levantou bem alto a bandeira nacional e democrática, assim como a da auto-determinação das regiões autônomas, como ítens de seu programa mínimo. Não esconde, entretanto, seu objetivo final que é o de lutar pelo socialismo em nossa terra. Para isso, considera necessária e imprescindível a construção de um partido comunista nacional na Etiópia, que possa guiar a revolução no caminho de sua libertação nacional, econômica e social.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

PCdoB

Congresso com marca operária

"Esse PCdoB é fogo na roupa. Num encontro como esse, com centenas de delegados, a gente sai mais unido. Cada um vem aqui para contribuir com o avanço da política e para reforçar nossa unidade. Mas quando outras organizações fazem uma reunião destas, sai briga para todo lado e até tapa entre os participantes. Esse Congresso, por isso mesmo, contribui para a luta do povo."

Com estas palavras, o operário Maurício Mendonça delegado do Rio de Janeiro ao 7º Congresso do PCdoB, expressou o sentimento de todos os que assistiram o encontro dos comunistas, de 11 a 14 de maio, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo.

Foto: Aguinaldo Zordenoni

Unidade na aprovação da linha política

A FRENTE ÚNICA

De fato, a reunião teve uma tônica revolucionária evidente. Centenas de oradores, de todos os cantos do país (eram 422 delegados e algumas dezenas de convidados), participaram ativamente da elaboração da política do partido — encerrando um processo de três meses de debates em todas as fileiras comunistas. Todos trazia sua contribuição. Os assuntos foram examinados da forma mais multilateral, enriquecidos com as experiências dos militantes em diferentes realidades. E, no geral, as vozes eram no sentido de aprovar os informes apresentados no início de cada ponto e de acrescentar argumentos, cimentando a unidade partidária.

A questão chave, que mereceu maior atenção do Congresso, foi o problema da frente única. Que segundo o presidente do partido, João Amazonas, "tem hoje enorme importância". Ele deixou bem claro que "uma análise correta da tática, na questão da frente única, acentua o caráter de classe do partido". E acrescentou: "É indispensável marchar com outras correntes. Não se pode nem pensar em fazer a revolução isolados. Mas isto não significa perder a nossa cor. Fazemos alianças sem abdicar de nossa independência e sem nos confundirmos com os aliados. Nós não aderimos aos aliados. Agimos em unidade para fazer avançar a revolução e não para deixar os trabalhadores a reboque de forças não revolucionárias".

Os oradores, nas suas intervenções, deixaram claro que aumenta por todo lado o descontentamento popular. E que milhares de lutadores acorrem ao partido sedentos de mudanças. Mas a consciência da revolução ainda não penetrou nas amplas massas. Esta é a tarefa do partido. Para isto é preciso não apenas saber o caminho, mas encontrar o "jeito de caminhar". É a tática que pode aproximar os trabalhadores da revolução.

CORRENTE CLASSISTA

Em relação à questão sindical, em particular, João Amazonas, no encerramento dos debates, alertou que o sonho de se "inventar organizações" de acordo com nossos desejos pode resultar no pesadelo do isolamento. Ele frizou que é necessário construir uma corrente sindical classista, de massas, no rumo de uma central sindical unitária. Neste sentido, os comunistas devem ajudar os trabalhadores a romperem com a cúpula pelega da CGT, mas sem cair em estreiteza. Sem agirem de acordo com vontades ou preconceitos, mas de acordo com o nível de consciência das massas e visando elevar sua compreensão. E, por outro lado, não devem atrelar-se à CUT, que é um instrumento partidarizado do PT, que não serve à unidade.

Outro ponto marcante do Congresso, que também fortaleceu sua marca proletária, foi a participação de mais de uma dezena de partidos comunistas do mundo, com destaque para o Partido do Trabalho da Albânia, que está à frente da principal trincheira revolucionária, onde a classe operária chegou ao poder há 44 anos e constrói o socialismo. Como declarou um delegado emocionado, "com a presença dos partidos irmãos nós vemos concretamente como a nossa luta é internacional, e como as vitórias dos trabalhadores em qualquer parte são também nossas vitórias".

A leitura das mensagens de saudação destes partidos, além do calor da amizade internacionalista, trouxeram sempre muita emoção ao plenário. Elas revelavam como o capitalismo, mesmo nos países mais avançados, reserva para os trabalhadores exploração, fome e perseguições. E como em todo o globo os povos se levantam contra a opressão burguesa.

A opinião dos operários e camponeses

Um grande destaque no 7º Congresso foi a presença ativa de operários e camponeses. Eles se distinguiram por suas intervenções objetivas, que abordaram particularmente a implantação do PCdoB nas fábricas e no campo. Aqui, o relato de cinco destes congressistas.

Crescer na classe

Todos os sábados, e até o mês de outubro, o operário **Neleu Alves** deixará a Brasilata, metalúrgica de S. Paulo onde trabalha, 15 minutos após o expediente normal. Neleu não vai ganhar um centavo a mais por isso. Na verdade, ele estará compensando as horas que perdeu, entre os dias 11 e 14 últimos, para dedicar-se ao 7º Congresso do PCdoB, para o qual foi eleito delegado.

Entrevistado pela **Tribuna Operária,** Neleu não demonstrava qualquer sinal de contrariedade pelo trabalho extra que terá de realizar. Destacou os aspectos positivos do congresso, e o papel que ele pode representar no crescimento do PCdoB. Eis seu depoimento:

"Para nós de S. Paulo, que enfrentávamos tantos problemas, o congresso foi fundamental. Entre outras conquistas, ele serviu para derrotar um clima pessimista que havia se criado, com o surgimento de uma concepção segundo a qual os problemas do partido eram insolúveis.

"Acho que a razão principal desta vitória é a avaliação sobre a realidade brasileira que o partido faz, correta, aprofundada e com grandes avanços teóricos. A parte do documento do Amazonas que fala sobre a crise brasileira é especialmente rica.

"Acredito que uma de nossas principais tarefas, daqui para a frente, é uma maior implantação do PCdoB entre a classe operária, especialmente nas grandes fábricas. Em linhas gerais, já temos uma política correta para este trabalho, mas quero destacar que os princípios universais não bastam. Cada direção intermediária precisa desenvolver um esforço teórico próprio para orientar a implantação em sua área. Isso porque há grandes diferenças entre as condições de atuação em cada empresa.

"Por fim, quero destacar a importância dos informes dos camaradas estrangeiros. Eles ajudaram a compreender a situação real de países onde pensávamos que as condições de vida e trabalho fossem excelentes. Especialmente os Estados Unidos que têm um índice de pobreza cada vez maior e onde já existe marxista-leninista, para nossa surpresa".

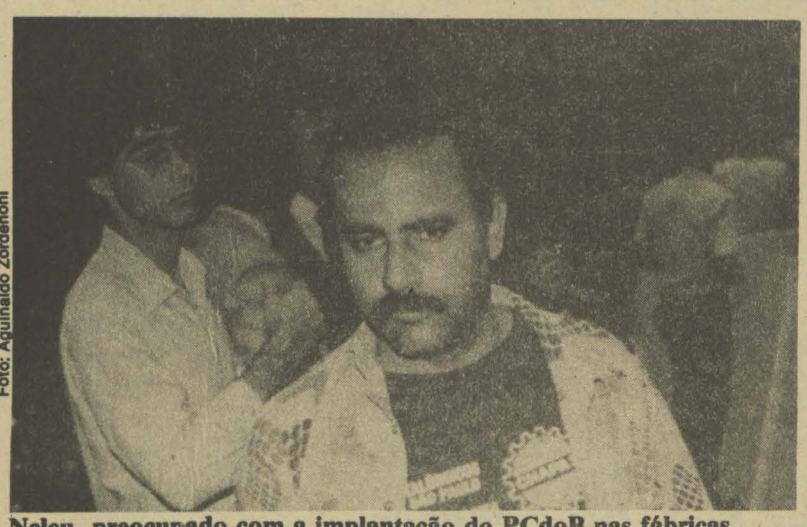


Foto: Aguinaldo Zordenoni

Neleu, preocupado com a implantação do PCdoB nas fábricas

Atenção ao campo

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Morrinhos, assessor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás e delegado eleito para o 7º Congresso do PCdoB, o sitiante **Nicanor Rodrigues Machado**, tem uma grande preocupação. Estudar profundamente a realidade multifacética do campo brasileiro, para elevar, o nível da atividade do partido nesta frente. A seguir, suas declarações à **Tribuna Operária:**

"Acho em primeiro lugar que o balanço deste congresso é fundamentalmente positivo. A gente sai daqui com uma bagagem de conhecimento muito grande, não só sobre a realidade brasileira mas também sobre coisas que acontecem em outros países. Eu tenho certeza que isso vai impulsionar muito nossa atividade, principalmente quando estas informações forem transmitidas pelos delegados à base do partido.

"Percebi também que o PCdoB já tem penetração na zona rural de quase todos os estados. E que há uma preocupação muito grande em tornar mais enraizada e mais ampla esta participação.

"Acredito apenas que precisamos elevar muito nosso conhecimento sobre a realidade onde atuamos. Em minha intervenção, abordei o problema do pequeno proprietário, que muitas vezes não recebe atenção das forças progressistas e acaba atirado aos braços da UDR ou dos sindicatos patronais. Esta é uma das questões que precisam ser analisadas, e eu penso que seria muito importante realizarmos um ativo nacional com este objetivo.

"A intervenção precisa dos comunistas vai se tornar ainda mais importante a partir de agora. Isso porque ainda havia em alguns setores uma certa esperança de que a Constituinte pudesse resolver os problemas do campo, através da reforma agrária. Esta esperança se foi com as últimas votações em plenário. E já que não saiu na lei, não resta outra alternativa a não ser na marra. O partido precisa participar ativamente desta luta."

Partido operário

A classe operária brasileira pode se orgulhar pois tem um partido experiente, realmente formado com a ideologia marxista-leninista, um partido que chega hoje ao seu 7º Congresso com 100 mil filiados e com um comprometimento ainda maior para com a revolução".

Essas palavras são do metalúrgico **Assis Flávio da Silva,** diretor do sindicato de sua categoria em Caxias do Sul (RS). Soldador da indústria Marcopolo, com 3 mil empregados, ele narrou à **Tribuna Operária** como conheceu o PCdoB e passou a integrar as fileiras comunistas.

"Sou ainda relativamente novo de partido — disse Assis, que participou da delegação gaúcha ao 7º Congresso do PCdoB. Foi em 1985, época em que fazia cerca de 5 anos que eu trabalhava na metalúrgica Flasle, que contava com 1.500 operários.

"Naquele ano a Marcopolo havia puxado uma greve e nós iniciamos um movimento dentro da fábrica em que eu trabalhava, visando deflagrar também uma paralisação exigindo melhorias salariais. Eu era mesmo um peão de fábrica, sem maiores conhecimentos políticos e dedicado quase que exclusivamente ao trabalho.

"A greve acabou saindo e eu terminei integrando a comissão de negociação dos trabalhadores. Durante a luta — que durou 10 dias — a gente acaba avançando. Eu conheci os companheiros do sindicato, à frente dos quais estava o Pedro Pozenato. Todos percebem que são companheiros de luta, decididos, que se colocam ao lado dos grevistas.

"Eu fiquei, então, mais interessado por política. Na época um pessoal da CUT tentou me afastar dos comunistas, dizendo que o comunismo é perigoso, podia resultar em minha prisão e coisas deste tipo. Fiquei foi mais curioso, acabei conversando com os companheiros, entendendo melhor as coisas e entrando no partido. Hoje eu tenho mais consciência, sei que é preciso dominar melhor a teoria sobre a política e a luta de classes e entender as dificuldades que atravessamos para organizar um trabalho político dentro da fábrica, onde não existe o mínimo sinal de democracia, reina absoluta a ditadura do patrão".

Foto: Aguinaldo Zordenoni

Assis: "O compromisso do PCdoB com a revolução é maior"

Unir todo o povo

"Para concretizar a reforma agrária é preciso mais do que a luta pela terra no campo. Faz-se necessária uma ampla aliança entre os operários e demais trabalhadores da cidade com os camponeses para um objetivo mais alto, de conquistar um governo novo e diferente, comprometido com os interesses do povo".

A opinião é do camponês de Santa Luzia, no Maranhão, **Oswaldo Conceição**, eleito para o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil durante o 7º Congresso. E com base em uma visão bem precisa do processo de luta no campo que ele observa: "O movimento dos trabalhadores rurais, inclusive no campo sindical, tem evoluído nos últimos anos, mas ainda não está à altura das exigências colocadas pela luta".

Uma das deficiências que considera grave é a "pouca atenção às reivindicações e aos problemas dos pequenos e médios proprietários. Isto faz com que esses setores, que deveriam ser, neste momento, os principais aliados dos camponeses pobres e dos possseiros, sejam jogados nas mãos da UDR, que os manipula a serviço do latifúndio".

— A luta pela reforma agrária — continua — é árdua e difícil. Muitos já tombaram — camponeses, advogados, etc. — assassinados pelo latifúndio. Por isto mesmo é preciso compreender o alcance desta batalha e a necessidade de reunir, ao nosso lado, o mais amplo leque de forças possível.

Oswaldo da Conceição acentua que no campo maranhense "o PCdoB tem se colocado na frente da luta pela reforma agrária, orientando os trabalhadores de acordo com os objetivos da luta neste momento, sem jogar posseiros contra pequenos e médios proprietários, sem se deixar isolar e procurando isolar os latifundiários".

"Não podemos marchar sozinhos, da mesma forma que não podemos continuar trocando lideranças rurais por jagunços do latifúndio. A substituição de jagunços e pistoleiros é simples para o latifúndio. Entretanto, para os trabalhadores não é fácil perder pessoas como Paulo Fontelles, Nonatinho e outros que já tombaram na luta pela reforma agrária".

As dificuldades

O PCdoB filiou um grande número de camponeses no Maranhão, de forma que "atualmente os trabalhadores rurais constituem a maioria do partido no Estado", conforme informou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Zé Doca, **Raimundo Mendonça.**

Mendonça, que participou como delegado do 7º Congresso do PCdoB, notou que o trabalho dos comunistas no campo "tem avançado muito, embora esbarre em sérias resistências. Ao lado do latifúndio, nosso inimigo mortal, temos ainda de enfrentar o atraso relativo da consciência dos trabalhadores camponeses, bem como atitudes reacionárias de certos setores religiosos ferozmente anticomunistas".

Deixando claro que os comunistas buscam sempre trabalhar "em aliança com os mais amplos setores da sociedade, o que inclui a Igreja", Mendonça conta que, entretanto, "no Maranhão há alguns elementos da Igreja que têm uma conduta extremamente negativa, colocam-se do lado dos latifundiários e atacam abertamente as lideranças camponesas, especialmente se essas são comunistas".

Como exemplo, ele citou as ações do "padre Serafim, da minha região. Nós, do sindicato, tínhamos convocado uma assembléia para o dia 20 de dezembro passado com a finalidade de realizar as eleições para a diretoria da entidade que congrega os trabalhadores rurais de Zé Doca. O padre Serafim fez questão de ir de povoado a povoado em campanha contra a participação dos trabalhadores na assembléia, que segundo ele era coisa apenas dos comunistas. Ajudado pelo pessoal do PDS, ele próprio convocou uma assembléia para o dia 19, portanto um dia antes da qual havia sido marcada por nós. Devido ao seu esforço, compareceram 570 camponeses para ouví-lo falar contra nós".

— Na nossa, entretanto — prossegue — participaram 3.204 trabalhadores, elegemos a diretoria para o Sindicato, que tinha eu como presidente. O padre Serafim teve de engolir o sapo, mas continua em uma campanha feroz contra nós.

CDH Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

POLÍTICA ECONÔMICA

Bom só para as multinacionais

O capital estrangeiro será o grande beneficiário da chamada "nova política industrial" instituída na semana passada pelo governo Sarney através de decretos-leis. O objetivo, explicitado pelo ministro da Indústria e Comércio, José Hugo Castelo Branco, foi abrir ainda mais a economia aos monopólios internacionais.

Castelo Branco, na exposição de motivos sobre os decretos, chegou ao ponto de apagar as fronteiras entre empresas nacionais e estrangeiras. "Estimular-se-á, diz, "o aumento do nível de investimento da economia, sem discriminação do que se refere à origem do capital, seja este nacional ou estrangeiro".

MEDIDAS

As principais medidas relacionam-se a uma liberalização quase total do comércio exterior. Os controles prévios (antes da emissão da Guia de Exportação) sobre 3 mil produtos destinados à venda no exterior foram eliminados, sob o pretexto de desburocratização.

As operações de importações foram isentadas do Imposto sobre Operações de Crédito, Câmbio e Seguro, bem como do Imposto relativo a Títulos e Valores Mobiliários e da Taxa de Melhoramento dos Portos (extinta).

Ao lado disto, o governo suprimiu a exigência de autorização prévia para a instalação de empreendimentos industriais, "ressalvados os casos previstos na legislação" e desde que os projetos "não sejam contemplados por benefícios fiscais, creditícios, cambiais, tarifários ou financeiros".

O VELHO MODELO

A intenção do governo é abrir ao máximo as comportas econômicas para atrair os capitalistas estrangeiros. As iniciativas agora tomadas evidentemente beneficiarão os monopólios internacionais, inclusive os bancos credores, uma vez que um dos objetivos é assegurar o pagamento dos juros da dívida externa.

É a lógica do velho modelo econômico, que fortalece os laços de dependência em relação ao capital alienígena, facilita as coisas para o setor exportador, visando garantir grandes superávits comerciais, ao mesmo tempo em que acarreta outros prejuízos ao mercado interno, sacrifica o consumo e as condições de vida da população.

Sarney apresentou sua "nova política industrial" como um dos componentes do programa eufemisticamente denominado de "ajuste e modernização da economia", apresentado dias antes durante a reunião com os governadores de Estado no Palácio do Planalto.

O programa enaltece a política de arrocho salarial (em especial a suspensão da URP dos trabalhadores do setor público), o corte dos investimentos estatais e outras medidas antipopulares implementadas sob o pretexto de combate ao déficit público.

Elogia-se, igualmente, os projetos de privatização. "O BNDES já vendeu 12 empresas. (...) Nove outras têm programada sua transferência de controle ainda em 1988". Anuncia-se a desestatização total (incluindo a Vele, Siderbrás, Eletrobrás, etc), com a única exceção da Petrobrás.

O programa também considera fundamental "um acordo com o FMI" e a normalização das relações com a comunidade financeira internacional. É todo ele orientado pela mentalidade colonizada, que só vê saída para o país num entreguismo cada vez mais descarado.

"Não temos alternativas, senão essa da liberalização que se processa no mundo do Leste e também que se processa no mundo subdesenvolvido", afirma Sarney. São palavras que expressam o estado de decomposição das classes dominantes brasileiras. Com efeito, que benefícios foram acarretados pela abertura da economia aos capitalistas estrangeiros até hoje? Tal alternativa resultou, em verdade, na profunda crise em que a nação se debate, está condenando o Brasil a um empobrecimento contínuo, ao atraso tecnológico e cultural. Está, enfim, obstruindo as vias do progresso e da verdadeira modernização.

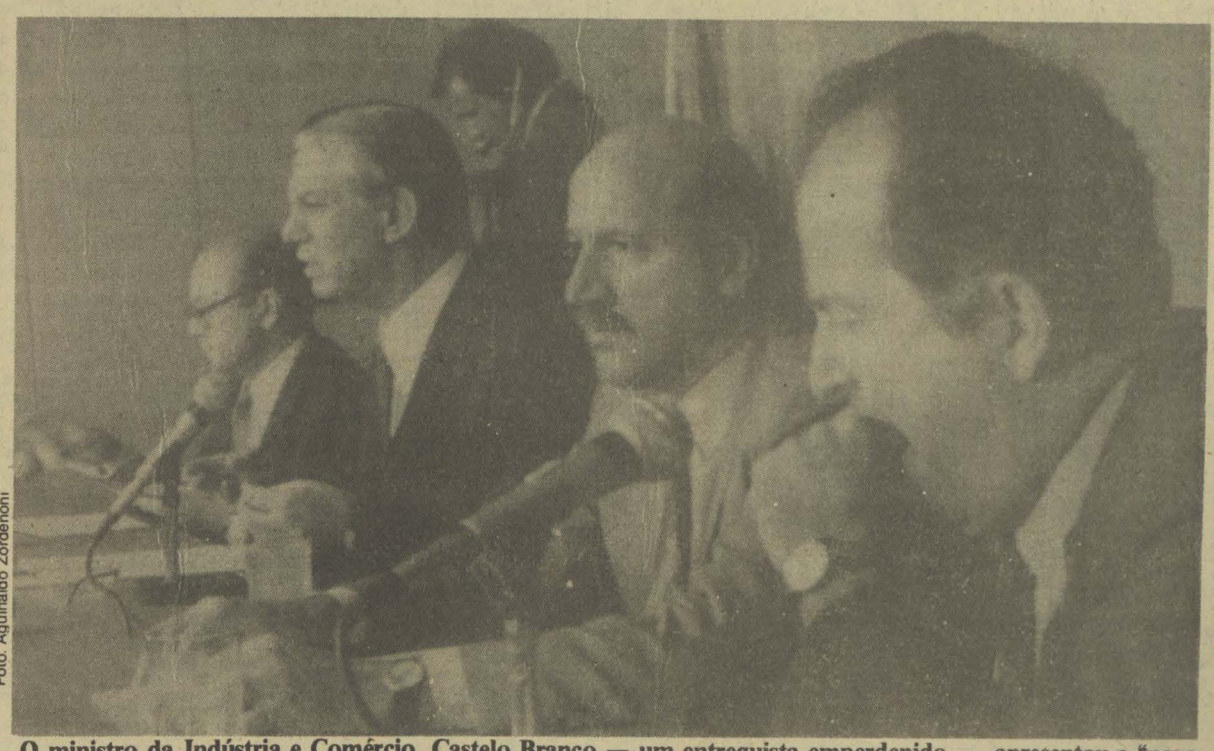


Foto: Aguinaldo Zordenoni

O ministro da Indústria e Comércio, Castelo Branco — um entreguista emperdenido —, apresentou a "nova política industrial"

CONSTITUINTE

O êxito dos estudantes

A Assembléia Nacional Constituinte assitiu, na semana passada, a uma das maiores manifestações populares desde a sua instalação. Liderados pela União da Juventude Socialista, pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas e pela Juventude Viração, aproximadamente 3 mil estudantes ocuparam literalmente todas as dependências do Congresso Nacional para acompanhar a votação do capítulo referente à Educação.

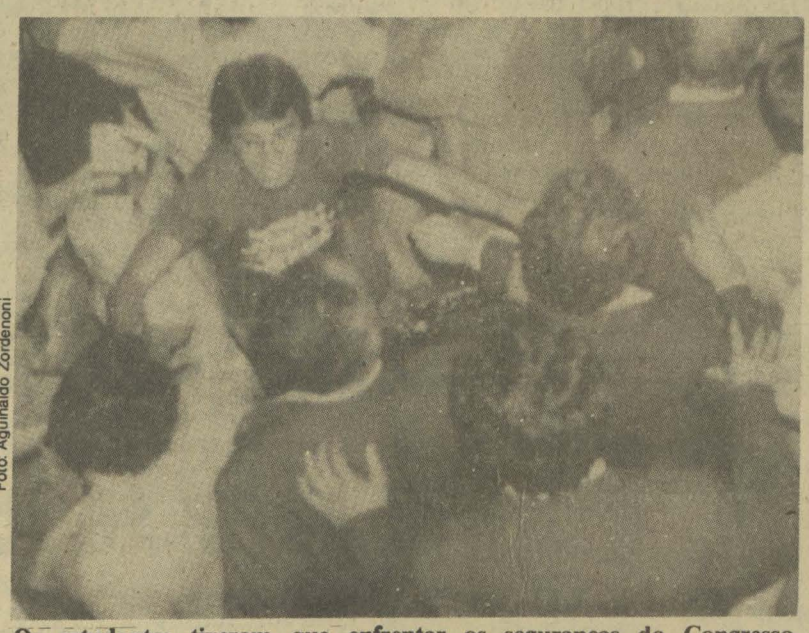


Foto: Aguinaldo Zordenoni

Os estudantes tiveram que enfrentar os seguranças do Congresso

A defesa do ensino público e gratuito para todos e em todos os níveis e da exclusividade das verbas públicas para as escolas públicas eram as principais bandeiras defendidas pelos estudantes. Ao lado dos jovens, professores também se mobilizaram para defender o ensino público e o plano de carreira para o magistério. De outro lado, um punhado de freiras e religiosos da Igreja Católica se postaram no corredor do Anexo 2 da Câmara formando uma espécie de "corredor polonês". Eram os arautos do ensino pago, que querem continuar recebendo verbas do governo para os estabelecimentos direcionados para os filhos da burguesia.

ACORDO POSITIVO

Mas a mobilização popular foi mais forte que os interesses da casta privilegiada do ensino privado. Vigiados de perto pelo povo, os constituintes acabaram chegando a um acordo positivo sobre o capítulo da Educação, contemplando a maioria das propostas progressistas. A principal vitória nessa votação foi a garantia do princípio da gratuidade do ensino nos estabelecimentos oficiais, que o "Centrão" pretendia suprimir. Com isso, ficou adquirido constitucionalmente o ensino público e gratuito para todos e em todos os níveis.

Além disso, o acordo garantiu, também, a destinação de 18% do Orçamento da União e 25% dos orçamentos dos Estados, municípios e Distrito Federal para o ensino público fundamental e o princípio da autonomia didático-científica das universidades. Em relação à exclusividade das verbas públicas para as escolas públicas, não se conseguiu avançar muito. Ficou estabelecido que as verbas públicas serão destinadas às escolas públicas, às escolas comunitárias, confessionais e filantrópicas, desde que comprovadamente sem fins lucrativos. Essa formulação, de certa maneira, abre um caminho para a privatização do ensino, embora não de forma escancaradamente privatizante como pretendiamo "Centrão" e os líderes religiosos da Igreja Católica.

PISO SALARIAL

Outra vitória significativa foi a garantia de um piso salarial para os professores e de um plano de carreira, cargos e salários para o magistério público. São antigas reivindicações dos profissionais da área que agora passarão a integrar a Nova Carta.

Para a constituinte Lídice da Mata (PCdoB-BA), o resultado da votação foi positivo. "Foi um acordo possível. Não conseguimos garantir a exclusividade das verbas públicas para as escolas públicas, que é hoje o divisor de águas entre os que efetivamente defendem a escola pública e os que querem a privatização do ensino no país. Mas, diante da correlação de forças existentes no plenário, o acordo garantiu vitórias importantes e significativas ao abrir a perspectiva de se continuar a luta em defesa da escola pública", argumentou.

Se na educação o acordo foi favorável, o mesmo não aconteceu no capítulo referente à saúde. O acordo firmado entre a maioria das lideranças partidárias contrariou as decisões da 8ª Conferência Nacional de Saúde e não atendeu à reivindicação básica dos setores progressistas desta área, ao retirar do sistema único de saúde o setor privado. A pressão dos hospitais particulares, através de um poderoso **lobby**, acabou atraindo parlamentares vacilantes.

Pelo texto aprovado, apenas os serviços públicos de saúde passam a integrar o Sistema Único de Saúde, dando, portanto, total liberdade de ação para o setor privado. O Partido Comunista do Brasil foi o único partido que ficou contra o acordo, preferindo acatar as resoluções avançadas aprovadas na 8ª Conferência Nacional de Saúde e as posições progressistas dos profissionais da área de saúde.

PERIGO DA PRIVATIZAÇÃO

Além dessa deficiência fundamental, o texto acordado abre totalmente à inicitiva privada o setor de saúde, representando uma brecha perigosa para a completa privatização do sistema de saúde do país. Em contra partida, aprovou-se um destaque que estatiza e proíbe a comercialização de sangue humano no país, a chamada "Lei Henfil", dando-se um passo extremamente positivo no sentido de controlar a qualidade do sangue e contribuir para a prevenção da AIDS no Brasil. Esse item tem gerado raivosa resitência dos bancos de saúde privados.

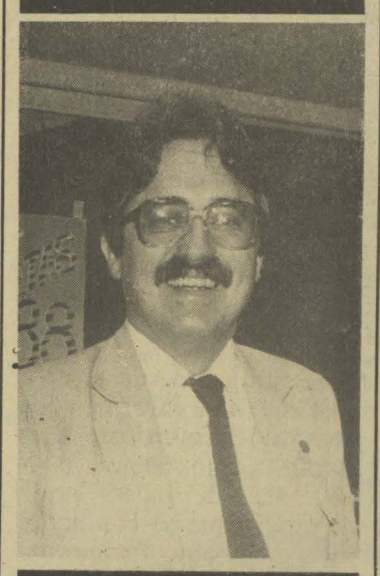
No capítulo relativo à Previdência Social garantiu-se o conceito de seguridade social, que abrange um sistema integrado de saúde, assistência e previdência social e a aposentadoria proporcional aos 30 anos para o homem e 25 anos para a mulher. **(Moacyr de Oliveira Filho).**

Foto: Aguinaldo Zordenoni

Negociações em plenário: os defensores do ensino não queriam abrir mão de seus privilégios

Reforma agrária golpeada

OPINIÃO PARLAMENTAR



ALDO ARANTES
Dep. Federal — PCdoB

A mobilização da direita, comandada pessoalmente pelo presidente da fascista UDR, Ronaldo Caiado, e a vacilação das principais lideranças do PMDB foram os fatores prepondenrantes que permitiram a vitória dos latinfudiários na votação do capítulo referente à Política Agrícola, Fundiária e da Reforma Agrária na Constituinte.

Depois de diversos dias de negociações, sempre interrompidas bruscamente por iniciativa de Caiado, e do buraco negro surgido diante do impasse da votação, o relator Bernardo Cabral propôs um novo texto para o capítulo que contemplava a média do pensamento das diversas correntes. Este texto, em linhas gerais, estabelecia a desapropriação por interesse social dos imóveis rurais que não cumprissem sua função social. E dava um tratamento diferenciado para as propriedades produtivas, embora permitisse a desapropriação daquelas que não cumprissem função social.

Este texto não representava nenhum avanço, mas simplesmente a manutenção das condições do Estatuto da Terra. Para os setores progressistas, o avanço na questão da reforma agrária significava introduzir na Constituição a imissão imediata na posse da terra e o estabelecimento de limites máximos para as propriedades rurais. Isso, no entanto, não foi possível, devido à correlação de forças desfavoráveis, e os progressistas concordaram em apoiar o texto do relator para evitar um retrocesso ainda maior.

O LATIFÚNDIO RADICALIZA

No entanto, o Centrão e a UDR, com o apoio do ministro da Agricultura, Iris Rezende, e dos governadores Orestes Quércia e Newton Cardoso, não concordaram nem com essa tímida formulação. Toda a argumentação e a tática articulada por Ronaldo Caiado, nessa fase final da discussão da reforma agrária na Constituinte, estava baseada na pretensa defesa da propriedade produtiva, com o falso argumento de que se uma propriedade é produtiva ela não pode, em hipótese alguma, ser desapropriada, mesmo que não cumpra com sua função social. Os setores progressistas não concordavam com esta tese, contra-argumentando que, em primeiro lugar, não há critérios claros pra definir o que é uma propriedade produtiva. Por esse raciocínio, pode-se definir que um imenso latifúndio, que tenha dez cabeças de gado e não cumpra sua função social, mantendo por exemplo, o trabalho escravo, seja considerado produtivo e, portanto não possa, em hipótese alguma, ser desapropriado. Esta tese, na verdade, não passa de um guarda-chuva para proteger o latinfúndio improdutivo ou de baixa produtividade.

Os progressistas argumentavam que o critério fundamental para definir a desapropriação é o cumprimento da função social e não a suposta "produtividade". Numa demonstração de flexibilidade, os setores progressistas concordaram, inclusive, com a definição de tratamento diferenciado da propriedade produtiva, fixando normas para que ela cumpra sua função social, mas sempre admitindo a possibilidade de sua desapropriação caso isso não ocorra. A UDR, ao contrário, insistia na tese de que a propriedade "produtiva", independentemente do grau dessa produtividade, nunca poderá ser desapropriada.

VOTAÇÃO FRAUDADA

Numa votação tumultuada e fraudulenta, em que até senhas foram falsificadas para garantir o acesso da UDR às galeria, o Centrão conseguiu retirar do texto acordado a frase que admitia a possibilidade de desapropriação das propriedades "produtivas" que não cumpram função social. Essa votação, através de um DVS (Destaque para votação em separado) — que obriga quem quiser manter o texto destacado a ter 280 votos — foi muito questionada, na medida em que inúmeros parlamentares protestaram por seus nomes aparecerem como signatários do DVS, quando não o assinaram. Com essa marca de fraude no ar, o DVS não poderia ter sido votado. No entanto, o presidente Ulysses Guimarães e o líder do PMDB, senador Mário Covas, concordaram com a votação, abrindo caminho para um profundo golpe na viabilização da reforma agrária no Brasil.

Com a vitória da tese da UDR abriu-se uma brecha perigosa para inviabilizar na prática qualquer desapropriação por interesse social. Com isso, os setores progressistas devem continuar lutando no segundo turno para alterar o texto aprovado, e em outro patamar, para realizar efetivamente uma reforma agrária antilatifundiária em nosso País.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

PERESTROIKA

A contra-revolução revisionista

João Amazonas

No seu "Informe Político" ao 7º Congresso do PC do B, João Amazonas, presidente do partido, desmascarou o caráter anti-socialista e anti-revolucionário da atual direção soviética, tendo à frente Mikhail Gorbachev. Para Amazonas, a "perestroika" é a adesão aberta dos revisionistas às idéias e práticas capitalistas. Publicamos, a seguir, a abordagem de João Amazonas sobre "perestroika" realizada no 7º Congresso do PC do B.

No plano mundial, aprofundam-se as divergências no campo ideológico entre o revisionismo contemporâneo, contra-revolucionário, e o marxismo-leninismo vivo e atuante, teoria científica da classe operária. Atualmente, há nova versão e nova ofensiva do revisionismo soviético contra o movimento revolucionário, que se expressa particularmente na política da **perestroika**, de Mikhail Gorbachev.

Do revisionismo envergonhado que procurava passar o contrabando burguês disfarçadamente a revisionismo sem máscara que adere abertamente ao capitalismo — eis a trajetória dos renegados soviéticos agora adeptos da **perestroika**. Com grande estardalhaço, em todos os Continentes, no mesmo dia e traduzido em dezenas de idiomas, a editora Harper & Row, Publishers, Inc., dos Estados Unidos, lançou no mercado livreiro internacional a obra encomendada a Mikhail Gorbachev por ele intitulada "Novas idéias para o meu país e o mundo". Tal cartão de visita é suficiente para identificar o conteúdo do livro tão badalado pela burguesia. Se os monopolistas norte-americanos mostram tanto empenho em divulgar o receituário oportunista do manda-chuva russo é porque não contém absolutamente nada de socialismo e de revolução, muito, porém de anti-socialismo e contra-revolução. Não se conhece exemplo de que o imperialismo gastasse um único centavo para propagandear favoravelmente a política da classe operária no poder.

Mas é bom não subestimar. O que é claro para nós, revolucionários, não o é para as grandes massas da população. Há muita gente "entusiasmada" com a **perestroika**. Particularmente, a pequena burguesia que sonha com o socialismo burguês, dirigido pela **inteligentzia**. Nessa área, o livro faz "estragos", conquista adeptos, partidários da social-democracia. Este, um dos objetivos da Publishers. O outro, mais contundente, é demonstrar pela pena de Gorbachev que o socialismo fracassou, que está em franco retrocesso e tornou-se inviável. Visa com isto alcançar a classe operária, que é a força historicamente destinada a derrocar o capitalismo e edificar uma nova sociedade.

Por esse motivo vale a pena desmascarar até o fim as teses de Gorbachev em **"Perestroika"**. Os marxistas-leninistas já haviam desmantelado, em grande parte, o krushovismo dos anos 50, bem como o maoísmo da década de 60/70. Ocorre que o revisionismo reaparece agora com novos disfarces, outra roupagem, ainda que com o mesmo conteúdo oportunista, a mesma traição de Kruschov e companhia à causa revolucionária.

A) A IDÉIA CENTRAL

Negar a luta de classes e o materialismo histórico é a idéia central do livro de Gorbachev. E com isso ele renega a revolução e o socialismo. As armas nucleares que, pela sua quantidade e poder destrutivo, poderiam arrasar o mundo, servem de base à falsa argumentação do autor de "Perestroika". E não somente as armas atômicas, também as convencionais que, com a nova tecnologia, diz ele, se equiparam em destruição àquelas armas. Face ao apocalipse, ele se propõe salvar a humanidade. Esta, no entanto, não poderia ser salva se "continuássemos a pensar em termos de classe e luta de classes". Agora, o humanismo ascende a primeiro plano. Evitar a guerra a todo transe e manter o **status quo** seria a questão decisiva. A filosofia marxista — diz o renegado — "foi dominada no referente às questões da vida social, por uma abordagem inspirada na divisão de classes". Atualmente, acentua ele, "com a emergência das armas nucleares, com o risco iminente de total destruição da vida, surge o limite à confrontação dos diversos interesses de classe". Desse modo, desaparece aquilo que Marx, Engels, Lênin e Stálin indicavam como o motor do desenvolvimento da sociedade humana — a luta de classes. Até agora, porém, não se conhece outra maneira de passar de uma formação econômico-social a outra que não seja através da luta de classes, da violência revolucionária. É evidente que, se a questão essencial passa a ser eludir a guerra e os confrontos de classe, então deve ser mantido o **status quo**: o capitalismo explorando, oprimindo e o proletariado curvado à triste sorte de escravo do capital. A humanidade, para não sucumbir no holocausto atômico, estaria fadada a perecer na agonia lenta da fome, da miséria, da pauperização relativa e absoluta dos trabalhadores, na degradação dos costumes, no aviltamento da moral, no aniquilamento da liberdade.

O que domina a cena histórica, em qualquer sistema econômico-social, são as leis objetivas que existem independentemente da vontade dos homens. No capitalismo reina a lei econômica fundamental da **mais-valia** que permite a uma determinada classe apoderar-se do trabalho de outra classe. O desdobramento dos efeitos dessa lei são as crises, o monopólio, o imperialismo, o domínio de um punhado de ricaços sobre a imensa maioria da população mundial, a guerra etc. Esta contradição, como todas as que existem na natureza e na sociedade, tem de ser superada. Não pode manter-se em repouso, em estado de equilíbrio. Porque então não haveria desenvolvimento, a vida estancada desapareceria. A verdade é que não há nada parado nem em situação de equilíbrio duradouro na natureza e na sociedade. Nesta, a superação inevitável dá-se unicamente por meio da luta de classes, da revolução social. Para efeito de raciocínio, suponhamos que uma parcela, a parte explorada, deserdada, da sociedade decidisse não atacar os seus inimigos, permanecesse quieta para que houvesse paz. A outra parte, a dos exploradores, deixaria de explorar, de submeter mais e mais os trabalhadores, os povos? Cessaria de saquear as nações débeis? Seguramente não. Porque essa é a lei da selva do capitalismo, é a razão de ser de sua existência.

Entretanto, não é apenas a argumentação falaciosa de Mikhail Gorbachev que carece de apoio na realidade. É igualmente o seu plano de acomodação das classes antagônicas, dos conflitos políticos e sociais.

B) AS PROPOSIÇÕES ENGANOSAS DE GORBACHEV

Que propõe o descarado defensor do capitalismo? Como pensa pôr em prática a sua **nova** filosofia política?

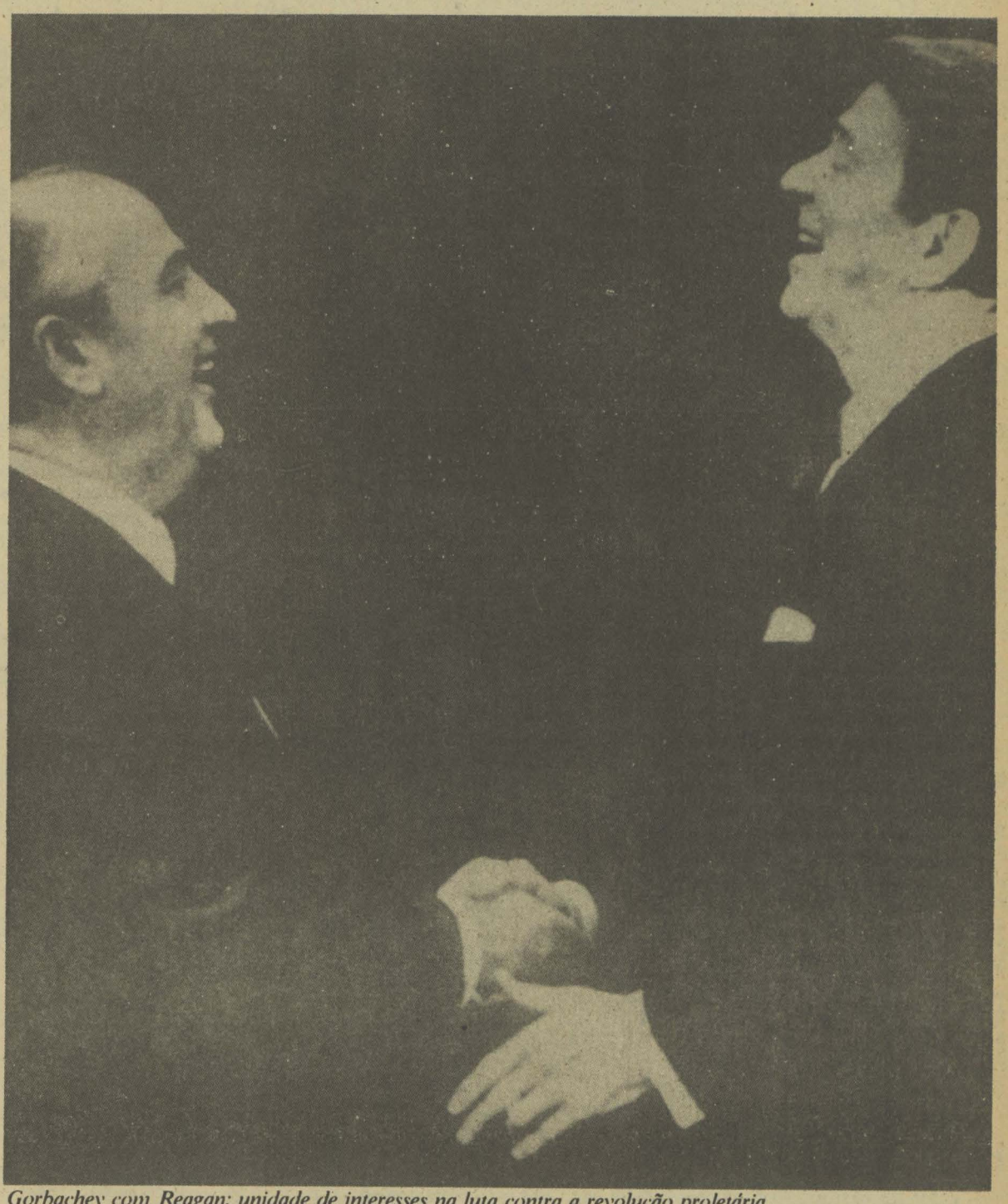
Antes de mais nada, sugere o abandono da luta revolucionária. "O povo — escreve Gorbachev — está cansado de tensões e confrontações". Aqui cabe a pergunta: quem provoca as tensões e os confrontos? São os trabalhadores, o povo, ou são os capitalistas e seu regime político-social? O renegado não tem o mínimo pudor de recomendar ser desnecessário levar às últimas conseqüências as diferenças (ou contradições?) entre o capitalismo e o socialismo, últimas conseqüências que toda a gente sabe ser a revolução. Segundo ele, "o povo prefere buscar o mundo mais seguro". E aqui cabe outra pergunta: onde? Na submissão completa às feras que lhe sugam as energias e roubam a própria vida? Fora da luta de classes, dos confrontos sociais, não há nada seguro, nem bom, para o proletariado. A luta revolucionária é a condição **sine qua non** da existência da classe operária e das massas trabalhadoras. À violência contra-revolucionária da burguesia e dos latifundiários aburguesados os trabalhadores são obrigados, se não quiserem ser totalmente esmagados, a responder com a violência revolucionária. Não há argumento capaz de destruir a verdade contida nessa tese de Marx e Engels.

A partir da negação da luta decidida do proletariado, Gorbachev chega à conclusão **lógica** de que se deve dar prioridade ao que ele denomina de "princípios comuns a toda a humanidade", colocando em segundo plano o princípio de classe. Não faltava mais nada! O antimarxista empunha a bandeira do humanismo e posa para a História como o D. Quixote da involução social. Finge desconhecer que a noção de **toda a humanidade** encerra a idéia de classe e luta de classes. Porque até a fase de desenvolvimento da sociedade a que chegamos inexiste humanidade acima das classes, separada das classes. A humanidade não é composta simplesmente de homens e mulheres, mas igualmente de pessoas que dominam os meios de produção e vivem à custa de outras pessoas que não dispõem a não ser de sua força de trabalho e para sobreviver convertem-se em escravos do capital. Mas ele quer que todos se identifiquem unicamente como gênero humano. Todavia, no conjunto do gênero humano existem exploradores e explorados, ricos e pobres, parasitas e trabalhadores. Nessa unidade de contrários há luta de opostos irreconciliáveis. Enfim, é a cessação da luta de classes o que ele prega.

Na mesma linha de raciocínio, Gorbachev apaga as contradições entre os imperialistas e os povos. "É hora — recomenda — de esquecer (!) qualquer aspiração imperialista em termos de política externa". Clauzewitz estaria fora de moda. Isso de que a guerra é a política por outros meios seria coisa do passado. Contudo, a aspiração imperialista é da natureza mesma dos monopólios. O imperialismo não pode viver sem explorar os povos, sem saquear nações débeis (e mesmo fortes). A guerra que desencadeia é a continuação da política de rapinagem e violência que pratica durante largos períodos. Tampouco se pode olvidar que há guerras nacionais, de libertação, e guerras civis de emancipação da classe operária. Também neste caso a guerra é a continuação da política revolucionária que os operários e as massas populares põem em prática por longo tempo antes dos conflitos definitivos.

E o revisionista soviético arvorado defensor do capitalismo humanizado vai adiante na sua arenga imbecil. Afirma que "pela primeira vez na História tornou-se exigência vital a idéia de se elaborarem normas da política internacional baseadas na ética e na moral comuns a toda a humanidade". Se algum dia ele leu marxismo, nada entendeu. Porque ali se diz muito claramente que a ética e a moral são reflexos da base econômica de determinado regime social. Qual pode ser a moral e a ética dos monopólios capitalistas? Hitler considerava moral matar os judeus e exterminar os adversários nos fornos crematórios. Reagan considera moral agredir a Nicarágua através de mercenários a seu serviço. Não existe moral única comum a exploradores e explorados, entre oligarquia financeira e povos vítimas do saque e da espoliação dos arquimilionários imperialistas. A moral do burguês não é a mesma da classe operária. Lênin assinalou que "moral é tudo que serve para destruir a velha sociedade alicerçada na exploração e para unir todos os trabalhadores em torno do proletariado, chamado a criar a nova sociedade dos comunistas". Normas políticas internacionais baseadas na ética e na moral... Mas de que classe? De que segmento social? Certamente, Gorbachev refere-se à moral e à ética dos exploradores e opressores que pretende impor como sendo a de toda a sociedade humana. Não há meio de conciliar a ética dos banqueiros internacionais com a dos povos por eles saqueados. A moral do imperialismo é espoliar outras nações, submeter os mais fracos com o seu tacão de ferro.

Toda essa falsa arguição tem por fim, em última instância, justificar acordos da União Soviética com os Estados Unidos para dividir o mundo em esferas de influência entre as duas superpotências. Gorbachev declara cinicamente, em "Perestroika", que o destino dos povos será "decidido conjuntamente pelos Estados Unidos e pela URSS". É incrível, mas ele asseverou que "tanto a União Soviética como os Estados Unidos poderiam dedicar-se a grandes projetos conjuntos, reunindo esforços, recursos e potencial científico e intelectual para trabalhar no sentido de resolver os grandes problemas que afligem a humanidade". Categoricamente, afirma não ter dúvida de que os Estados Unidos encontrem um modo de "redirecionar suas energias e seus capitais (...) para ajudar a resolver os problemas econômicos e sociais do mundo moderno". Gorbachev anuncia assim que o imperialismo deixou de ser imperialismo. Agora, passa a ser benfeitor dos povos. Com semelhantes sandices, tem em vista amainar a luta dos trabalhadores contra o imperialismo e o social-imperialismo, espalhar a ilusão de que o lobo virou cordeiro. Mas o proletariado e os povos não se deixarão enganar pelo canto de sereia desse traidor da classe operária e do socialismo.



Gorbachev com Reagan: unidade de interesses na luta contra a revolução proletária.

C) DO CAPITALISMO SEMICAMUFLADO AO CAPITALISMO ÀS ESCÂNCARAS

No concernente à situação interna da União Soviética, a questão central em destaque no livro de Gorbachev é também a negação das classes e da luta de classes e da revolução. Há uma nuance. O capitalismo semicamuflado deu lugar ao capitalismo às escâncaras. "Perestroika" é a condenação global das leis próprias do socialismo e a exaltação das leis objetivas do sistema capitalista reintroduzido na URSS.

Na época de Kruschov, passando por Brezhnev, já se faziam presentes tais leis. No curto período de Gorbachev entraram plenamente em ação a lei da **mais-valia**, a lei do valor, a lei da concorrência e da anarquia da produção, a lei da pequena produção individual que gera, a cada minuto, a cada hora, o capitalismo em massa. A busca do lucro, que provém da **mais-valia**, é o objetivo fundamental. As empresas autofinanciadas baseiam-se nesse objetivo. Os kolkoses no novo regime econômico transformam-se em grandes cooperativas capitalistas e dissemina-se o comércio livre capitalista.

Gorbachev fala claro. "Muitas coisas são estranhas em nosso país atualmente", diz ele. Estranhas porque brotaram no solo regado pelo socialismo proletário. Plantas exóticas num jardim coberto de urzes que muita gente acreditava ser ainda a terra da promissão comunista. Eis a relação das coisas esquisitas: "empreendimentos conjuntos com empresas estrangeiras"; "indústrias e fábricas, fazendas estatais e coletivas, todas autofinanciadas"; "suspensão de restrições quanto a produtos alimentícios produzidos em fazendas para empresas administradas por elas"; "encorajamento da empresa individual com produção e comércio em pequena escala"; "fechamento de fábricas e indústrias que operam com prejuízo" etc. Tudo isso seria estranho numa sociedade socialista, mas perfeitamente normal no regime capitalista, como o que a União Soviética passou a adotar há muitos anos.

"Perestroika" apresenta outras coisas singulares. "Nos últimos quinze anos, afirma Gorbachev, a taxa de crescimento da renda nacional caíra para mais da metade e, no início dos anos 80, chegara a um nível próximo da estagnação econômica". Em 1985, diz ainda, "o país estava à beira de uma crise". Essa constatação exige um esclarecimento. É possível ocorrer tais fatos numa sociedade socialista? Evidentemente não. Podem surgir dificuldades momentâneas, não, porém, nesse nível. Os casos assinalados pertencem a categorias capitalistas. Tentando confundir os trabalhadores, declara que as raízes desses acontecimentos estão nos anos 30. É um contra-senso. Qualquer leigo sabe que as crises econômicas não acontecem de 50 em 50 anos, mas de 10 em 10, de 8 em 8, ou mesmo de 5 em 5 anos. Dá também outra explicação subjetiva, idealista, superficial. Vejam só: "A atmosfera de complacência e a interrupção do processo normal de mudanças de lideranças fizeram surgir a estagnação e o atraso no país". Refere-se à subida de Kruschov e, depois da sua queda, à de Brezhnev. Não há uma gota de verdade nessa esdrúxula afirmação. Stálin substituiu o insubstituível chefe da revolução, Lênin, e não sucedeu nada do que é alegado. A URSS continuou avançando. A causa real da estagnação e do atraso está no abandono do socialismo, na volta ao capitalismo. Os fenômenos referidos têm a ver com o sistema burguês. Vêm da época de Kruschov, justamente do 20º Congresso do PCUS, que trocou o regime econômico-social da União Soviética.

D) A NOVA CLASSE DIRIGENTE

O proletariado perdeu o seu papel de força dirigente da sociedade quando Kruschov e seus seguidores se apoderaram da direção do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). A burguesia passou a dirigir o partido e o Estado através da pequena burguesia burocrática. Não por acaso, Gorbachev se desmancha em elogios à **inteligentzia**. "Está na hora de parar de tiranizar a **inteligentzia**, isto é prejudicial e inadmissível", exclama. Ele atribui, na realidade, à classe operária no poder até meados dos anos 50 essa pretensa tiranização dos intelectuais que nunca suportaram a ditadura do proletariado. "A **inteligentzia** (...) sofreu enormes e irreparáveis perdas devido às violações da legalidade socialista e às repressões da década de 30", sentencia o escriba de "Perestroika". Agora — preceitua — "a classe intelectual (classe?) deu sinceras boas-vindas ao programa de renovação democrática da sociedade". É compreensível que o renegado do socialismo fale dessa maneira. Ele pertence a essa "classe" que, na atualidade, substituiu o proletariado no poder. Nos anos 30, essa espécie de gente tentou, até mesmo em aliança com Hitler, destruir o poder dos trabalhadores. Foi derrotada. Venceu a classe operária. O reverso ocorreu após a morte de Stálin. Esta compreensão mais profunda da realidade soviética dos nossos dias é que o proletariado da URSS precisa adquirir para ajustar contas com os traidores e retomar o comando da sociedade e do país que fez a gloriosa revolução de 1917.

E) A TRANSIÇÃO DO SOCIALISMO AO CAPITALISMO

Mikhail Gorbachev alude ao período de 30 para atacar o regime proletário existente na época. A sua **nova** filosofia está essencialmente voltada com rancor centuplicado contra o socialismo científico. E como não pode atacar abertamente o socialismo, agride Stálin que faleceu há trinta e cinco anos. Gorbachev assevera que a "Perestroika" se baseia "no princípio de mais socialismo e mais democracia". Admite críticas a certos defeitos da economia, a deficiência da produção, as relações pessoais etc., coisas que o capitalismo também permite. O que não admite é que se conteste o novo regime implantado na URSS na década de 50. E nesse particular a questão se liga à figura de Stálin, precisamente porque as fronteiras entre o socialismo e o capitalismo na URSS desapareceram após a sua morte. Falar em Stálin, de sua obra, da sua contribuição científica é falar do socialismo que ele defendia e construía. O ataque raivoso ao dirigente máximo da fase da construção socialista é, na realidade, a investida colérica contra a ditadura do proletariado. As mentiras e calúnias difundidas pelos revisionistas, a respeito daquela fase, traduzem o ódio profundo da burguesia e da pequena burguesia ao regime de ditadura do proletariado. A democracia gorbacheviana nada mais é do que o respaldo à transição do socialismo ao capitalismo que se vem efetuando na URSS.

Eis aí, em resumo, as **novas** e falsas idéias do novo portavoz do social-imperialismo. Tem um mérito, vai direto ao assunto da implantação em larga escala do capitalismo na URSS. Renuncia à luta de classes e à revolução. "A espinha dorsal do novo pensamento — enfatiza Gorbachev — é o reconhecimento da prioridade dos valores humanos ou, para ser mais exato, da necessidade da sobrevivência da humanidade". De braço dado com os imperialistas norte-americanos ele pretende salvar não propriamente a Humanidade mas o capitalismo, o imperialismo em decomposição. Os povos, e em primeiro lugar o proletariado da União Soviética, dar-lhe-ão a resposta merecida: abaixo os traidores revisionistas, viva o marxismo-leninismo que guia a classe operária e os oprimidos de todo o mundo para a revolução, para o socialismo!

FUNCIONALISMO

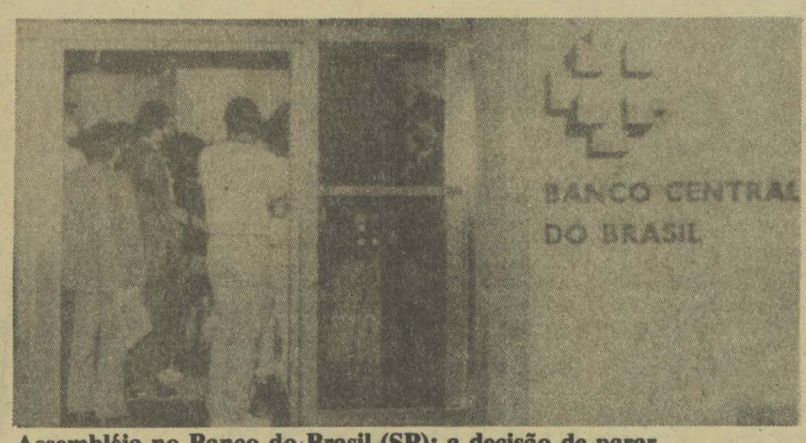
Os preparativos da greve do dia 25

Nos dias 21 e 22 de maio, em Brasília, o Comando Nacional de Mobilização dos Trabalhadores em Empresas Estatais e dos Funcionários Públicos realiza reunião para avaliar os preparativos da greve geral do setor, prevista para o próximo dia 25. O encontro, que deve contar com a participação de mais de 160 delegados de todo o país, fixará a duração da greve. Na reunião anterior do Comando ficou definido que o protesto seria de 24 horas, mas várias assembléias estaduais aprovaram a paralisação por tempo indeterminado.

A reivindicação básica dos trabalhadores da administração pública direta e indireta é a do pagamento da URP — que o governo Sarney congelou por dois meses. Também se exige a reposição das perdas salariais do período. Se há unidade quanto a pauta de reivindicações, no tocante à forma de luta ainda existe grande confusão. Alguns setores sindicais inclusive têm tumultuado o quadro. O presidente da CUT regional do Rio de Janeiro, Geraldo Cândido, por exemplo, deu declarações à imprensa defendendo o adiamento do protesto nacional.

As assembléias das diversas categorias do setor público, entretanto, já aprovaram a deflagração da greve nacional no dia 25. É o caso dos petroleiros — cerca de 58 mil trabalhadores no país inteiro — e dos bancários do Banco do Brasil. Outros setores, como portuários e previdenciários, ainda avaliam as condições de aderir ao movimento.

Ao mesmo tempo em que se intensifica a mobilização na base, prossegue a batalha judicial pela URP. Vários sindicatos entraram com processo na justiça exigindo a anulação da medida de arrocho do governo federal. Até a semana passada, mais de 50 mil trabalhadores já haviam obtido liminares garantindo o pagamento da URP. Na Docenave (Vale do Rio Doce Navegação), os 350 funcionários inclusive receberam a URP de abril. Diante das vitórias na justiça, o governo ameaçou demitir 100 mil servidores e acionou o Supremo Tribunal de Recursos, que tem rejeitado várias decisões dos tribunais e juntas dos Estados.



Assembléia no Banco do Brasil (SP): a decisão de parar

SINDICALISMO

Corrente Classista se organiza

A Coordenação Nacional da Corrente Classista realizou uma importante reunião no último dia 17 na sede do Sindicato dos Securitários em Porto Alegre. Como principal orientação, foi definida a tática para a realização das plenárias estaduais visando articular a Corrente em todo o país. E foi remarcado o Congresso Nacional para janeiro.

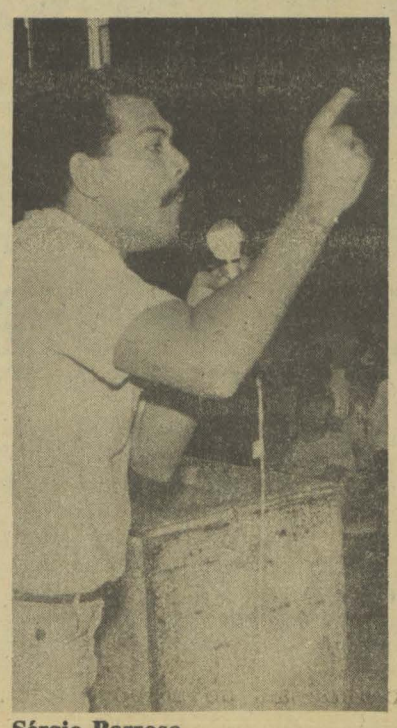
Avançando nas orientações traçadas em Campinas, a Coordenação Nacional indicou que nos Estados onde os pelegos do "sindicalismo de resultados" tiveram o controle da CGT como em São Paulo e em Minas Gerais, deve haver um rompimento imediato com a estrutura cegetista, formando simplesmente a Corrente Classista, totalmente independente. Mas onde os sindicalistas progressistas têm influência, deve-se ainda articular a Corrente Classista da CGT, visando incorporar os setores mais amplos à luta por um sindicalismo unitário.

Atitude madura

Segundo Sérgio Barroso, diretor do Sindicato dos Médicos de Alagoas e membro da Coordenação Nacional da Corrente Classista, "seria errado abandonar as entidades estaduais para os pelegos". Uma atitude precipitada "nos levaria a perder vínculos com os trabalhadores e a facilitar as coisas para Magri e Medeiros", acrescentou.

O grande esforço agora, ainda segundo Barroso, "é a estruturação da Corrente em plano nacional, realizando, entre 20 de maio e 20 de junho as plenárias estaduais em todo o país." No Rio Grande do Sul já foi eleita a coordenação estadual da Corrente Classista da CGT, num encontro com 45 sindicatos. Um fato de grande importância foi a adesão da União Portuária, que congrega nove sindicatos independentes.

A Coordenação marcou um Seminário Nacional sobre a Nova Estrutura Sindical para os dias 1 e 2 de julho, em São Paulo. Será feito um balanço do que foi aprovado na Constituinte sobre o assunto, traçando orientações para a sua aplicação na realidade atual. Em segundo lugar, será realizado um debate sobre as experiências do sindicalismo europeu dividido em várias estruturas paralelas, e do sindicalismo na Bolívia (COB) e da Argentina (CGT), com manutenção da unidade e respeito à pluralidade de opiniões.


Sérgio Barroso

A idéia é tirar um documento didático, com os debates do Seminário, mostrando como nem a CGT nem a CUT servem aos trabalhadores. Segundo Barroso, "não basta falar em unidade, e não nos serve a unidade petista que a CUT quer nos impor. É preciso que a entidade sindical represente o conjunto dos trabalhadores, que seja democrática, pluralista e de luta. A CUT continua com a idéia estreita de congregar os que rezam por sua cartilha. Se uma diretoria de sindicato não se enquadra, a CUT arranja uma representação da chamada oposição sindical, por cima da categoria e por cima da entidade. Isto não une e sim divide."

TOMAR INICIATIVAS

Barroso orienta ainda "todos os dirigentes sindicais, todos os líderes de trabalhadores que concordam com a formação da Corrente Classista a lançar-se à luta defendendo suas concepções unitárias e de luta. Não podemos nos omitir de nenhuma batalha. Estaremos presentes em todas as atividades sindicais."

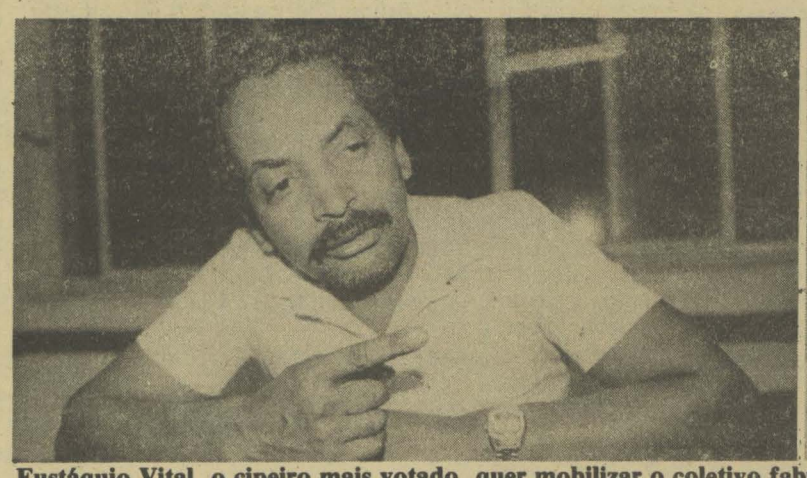
Um bom exemplo, acrescenta Barroso, "foi na greve dos metalúrgicos do Rio. Os companheiros disputaram com as posições conciliadoras dos cutistas, que eram contra a greve, e conquistaram o apoio não só dos oito mil participantes da assembléia mas de toda a categoria, que parou e conquistou 11% de aumento real de salário".

No dia 3 de julho, após o seminário, será formada uma Comissão Nacional organizadora do Congresso da Corrente Classista, marcado para janeiro.

METALÚRGICOS/SP

A eleição da Cipa combativa na Metal Leve

No último dia 18, tomaram posse os novos integrantes da Cipa (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) da indústria Metal Leve — uma das maiores empresas da base metalúrgica da capital paulista. Antes da Solenidade, os 14 cipeiros eleitos pelos trabalhadores escolheram o vice-presidente do organismo. Eustáquio Vital Nolasco, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, foi indicado pela ampla maioria.



Eustáquio Vital, o cipeiro mais votado, quer mobilizar o coletivo fabril na luta pela legalização da Comissão de Fábrica

VITÓRIA DO AVANÇO

O resultado das eleições nesta Cipa constituiu-se numa importante vitória das forças que se propõem a realizar um trabalho sério de organização dos operários nas fábricas e que se opõem à direção pelega do sindicato da categoria. Dos 14 eleitos, pelo menos 11 cipeiros estão comprometidos com o avanço das lutas dos trabalhadores. Dos 3 mil operários da produção que trabalham na empresa, cerca de 2.700 votaram e Eustáquio Vital obteve 1.707 votos — sendo o mais bem votado.

A disputa desta Cipa foi das mais acirradas. Luis Antônio Medeiros, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e principal articulador da corrente direitista intitulada de "sindicalismo de resultados", jogou pesado no pleito. Seu objetivo era eleger uma maioria dócil de cipeiros e para isso colocou toda a máquina da entidade à disposição de candidatos atrasados e ligados à direção da empresa.

O material impresso do sindicato em nenhum momento se referiu às candidaturas mais progressistas. Além disso, os seguidores do pelego fizeram raivosa propaganda contra os ativistas mais combativos da fábrica, destilando veneno principalmente contra Eustáquio Vital. A própria chefia da Metal Leve interferiu ostensivamente no processo eleitoral. Alguns candidatos foram ameaçados de demissão; outros foram transferidos de seção, ficando imobilizados durante a campanha. Até o gerente de Relações Industriais (RI) desceu do pedestal e se manifestou a favor dos nomes indicados por Luis Antônio.

REFERÊNCIA DE LUTA

A união de pelegos e patrões e todo o aparato, entretanto, não foram suficientes para manipular os trabalhadores. A eleição demonstrou a disposição dos operários de elegerem cipeiros capazes de transformar esse organismo num instrumento de luta e organização interna. "O voto foi consciente e avançado", afirma Vital.

Na sua opinião, vários fatores explicam essa consagradora vitória dos ativistas sindicais mais combativos. "Há vários anos que nós temos um trabalho sério de conscientização e mobilização no interior da fábrica. Estamos atentos a todos os problemas que afligem o coletivo, dos menores aos maiores, e sempre mobilizamos os companheiros para resolvê-los. Somos uma referência de luta e de união", explica Vital.

Outro fator é o próprio desgaste da atual diretoria do Sindicato. "Nas grandes fábricas os operários são mais conscientes. A demagogia do Luis Antônio não penetra com facilidade. Os companheiros observam que o sindicato retrocedeu. Na gestão anterior, nós estávamos constantemente na porta da fábrica mobilizando para luta. Hoje a entidade está imobilizada, os pelegos só vivem com conchavos com os empresários. Daí a repulsa aos candidatos apoiados pela atual diretoria sindical".

Também pesou no resultado o retorno de Vital à produção. "No meio da peãozada existe uma idéia, confirmada por inúmeros fatos, que o dirigente sindical é facilmente corrompido. Minha volta à fábrica deixou claro que o nosso único interesse é com a luta e organização dos trabalhadores no rumo de sua total emancipação", afirma.

GRANDE POTENCIAL

Os novos cipeiros da Metal Leve terão uma dura empreitada pela frente. A legislação sobre Cipa é bastante restritiva. Ela estabelece que metade dos cipeiros são indicados pela direção da empresa e a outra metade é eleita. Além disso, o presidente da Cipa é imposto pelo patrão. As funções dos cipeiros também são bastante controladas. As empresas tentam fazer das Cipas meros instrumentos de fiscalização dos funcionários e intermediários das reclamações. O poder de decisão sobre as melhorias nas condições de trabalho fica nas mãos das chefias.

Apesar dessas limitações, esse organismo tem mostrado grande potencial para mobilização e organização interna do coletivo fabril. Os cipeiros eleitos passam a ser referência dos trabalhadores. Eles também contam com relativa estabilidade no emprego para realizar seu trabalho sindical. Por último, tratam de um assunto que ganha cada vez mais importância nas modernas indústrias: o ambiente de trabalho.

Conforme argumenta Vital, "a introdução de novas tecnologias e novos métodos de opressão nas empresas têm gerado grande descontentamento. A questão salarial ainda é o que mais mobiliza. Mas logo em segundo lugar vêm as condições de trabalho e as arbitrariedades das chefias", comenta. Ele lembra que na Metal Leve são comuns as lutas por melhores condições de trabalho. "Na fábrica tem poluição sonora e visual, agentes químicos insalubres, falta de higiene nos banheiros e restaurantes e são comuns os acidentes de trabalho. Na fundição, por exemplo, é normal trabalhador desmaiar devido ao calor insuportável."

COMISSÃO DE FÁBRICA

Os novos cipeiros da Metal Leve pretendem ocupar todos os espaços disponíveis para denunciar os problemas existentes na fábrica e mobilizar os funcionários. "Nosso esforço é para transformar a Cipa num órgão de luta e organização. Através dela, mostraremos que o capitalista não investe na saúde do trabalhador porque isso não dá lucro."

Nesse processo, segundo Vital, os cipeiros estarão criando as condições para a conquista do reconhecimento da Comissão de Fábrica. "Esse é um organismo mais avançado, sem controle dos patrões, com maior abragência na sua ação e mais democrático. A partir da vitória na Cipa, essa passa a ser nossa principal reivindicação. Todo nosso trabalho de cipeiro terá esse objetivo. E, quando tivermos força, vamos exigir a legalização da Comissão de Fábrica da Metal Leve". **(Altamiro Borges)**

Embraer pune greve

Segundo os trabalhadores da Embraer, em São José dos Campos, São Paulo, "a direção da empresa a transformou num verdadeiro campo de concentração que conta com o aparato militar da Aeronáutica". Em represália pela greve de 48 horas contra o congelamento da URP nas Estatais, a Embraer demitiu, até o último dia 18, 242 trabalhadores.

As demissões atingem trabalhadores ligados ao sindicato e à Cipa, que foram impedidos inclusive de entrar na fábrica. Na semana passada cerca de 80 soldados da polícia da Aeronáutica foram destacados para patrulhar os arredores da empresa e intimidar os operários.

A Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) fica a uns 85 Km., de São Paulo.

Vitória dos bancários

Na semana passada, a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos) emitiu uma circular orientando os estabelecimentos privados para que paguem 15% de antecipação salarial para todos os funcionários. Essa decisão é resultado de um longo processo de mobilização da categoria que, mesmo fora da data-base, reivindicava 42% de reposição salarial. A maioria dos bancos já efetuou o pagamento e o Sindicato dos Bancários de São Paulo está convocando a base a "fiscalizar o salário. A antecipação de 15% é uma conquista nossa e temos que garanti-la", afirma o boletim da entidade.

O descontentamento no interior dos bancos também acelerou a decisão da Fenaban. Segundo informações da entidade sindical paulista, o clima de revolta na categoria era visível, principalmente entre os comissionados — o pessoal que ocupa cargos de chefias. A conquista da antecipação — o primeiro reajuste efetuado acima da URP para uma categoria inteira — serve de estímulo para a campanha salarial de setembro.

Mamata da Mecampo

A Mecampo — Mercantil Indústrias Mecânicas S.A., em Montes Claros, no norte de Minas Gerais, foi ocupada durante cinco dias por seus 200 operários, para tentar evitar o fechamento da empresa.

A Mecampo foi instalada em 1979, gozando de incentivos fiscais por estar na área [illegible] da Sudene. Mas a partir de 1986 começou a reduzir a produção. Demitiu 80 dos 280 trabalhadores. Reduziu de dois para um os turnos de trabalho. E, mais recentemente, passou a tomar medidas que apontam para o encerramento das atividades.

Há algum tempo não aceita novas encomendas. Recusou um contrato com a Manesmann para fornecimento de peças de pontes rolantes, desativou o setor de processamento de documentação, fechou o departamento de vendas.

Ocorre que no ano que vem, quando completa 10 anos de atividade, a fábrica perde o direito dos incentivos fiscais. E os trabalhadores já conhecem este tipo de negócio. Muitas empresas usaram este tipo de conduta. Aproveitam-se dos incentivos e depois, como eles mesmo dizem, "vão mamar noutro lugar". E os operários são atirados à rua, sem meios de sobrevivência, pois não existe alternativa de emprego na região.

Os patrões da Mecampo entraram com uma ação de reintegração de posse na Justiça e prontamente foram atendidos pelo Juiz da Comarca. Os operários desocuparam a fábrica mas continuam a luta pelo direito ao trabalho.

O jogo duro da Febem

A Febem, que já se tornou famosa pelos maus tratos aos menores lá internados, agora se volta contra os próprios trabalhadores lá empregados. A diretora, Wayta Dalla Pria demitiu toda a diretoria da Associação dos Trabalhadores da Febem (ATF), democraticamente eleita pela categoria. E para completar o quadro, consta que a diretoria do Sindicato (Senalba) participou das discussões que culminaram com as demissões.

Os diretores da entidade vinham denunciando diversas irregularidades ocorridas na Febem. E agora, com o acirramento da luta, já anunciaram que têm muita coisa para ser revelada. Ao fecharmos esta edição os funcionários tinham marcado uma reunião na sede da Associação para planejar os próximos passos visando reintegrar todos os demitidos.

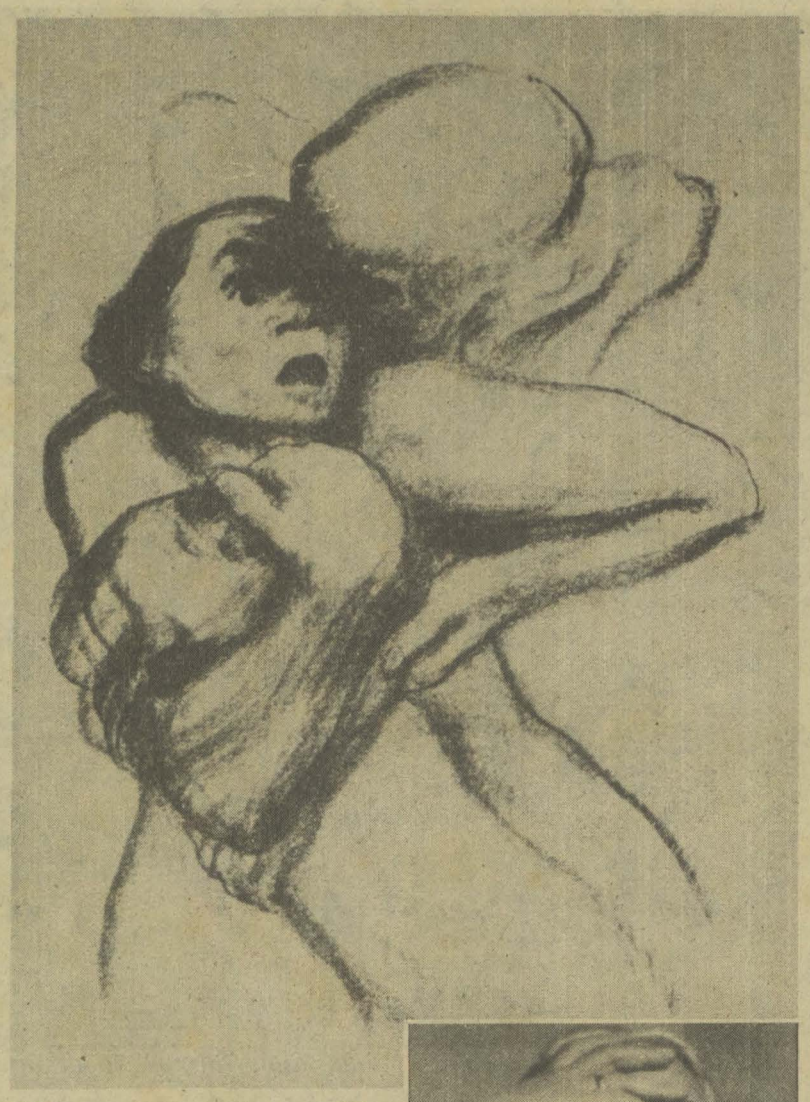
Segundo os trabalhadores, Wayta pretende revogar os 30% de adicional conquistado na greve de 1987 pelo regime especial de trabalho dos funcionários. A desarticulação da ATF seria apenas um primeiro passo, para silenciar a categoria e obrigá-la a aceitar o arrocho.

KÄTHE KOLLWITZ

A arte impura

Na sua arte, as mulheres, desesperadamente carinhosas com seus filhos, choram a dura vida, revoltam-se com a morte. Os trabalhadores, explorados ao limite, ainda têm forças para olhar profundamente o horizonte, na esperança da mudança. A miséria, marca do sistema capitalista, é amplamente denunciada na obra de Käthe Kollwitz, que está em exposição intinerante promovida pelo Instituto Goethe no Brasil.

São esculturas e gravuras desta mulher, nascida em 1867 em Koninsberg cuja obra iconográfica compara-se à literária de León Tolstói, Maximo Górki, Ibsen ou Emile Zolá. Ela conseguiu, através de seu trabalho iniciado ainda na juventude — aos 17 anos ingressou na Escola Feminina de Artes de Berlim —, denunciar todas as mazelas de uma sociedade que permite a poucos viver com dignidade e bem estar.



Käthe e uma de suas obras, "A morte agarra uma mulher", de 1934, em exposição no Museu de Arte Contemporânea do Paraná

SOFRIMENTO ENORME

"Devo denunciar o sofrimento humano, que não tem fim e que agora é enorme", afirma Käthe. Ao perder seu filho na Primeira Guerra Mundial, a artista, inconformada com a morte num campo de batalha de alguém a quem dera à luz, passa a expressar ainda com mais ardor este "sofrimento humano" do qual sempre falava.

Para homenagear seu filho, Pedro, e todos os outros tombados durante a guerra, ela erige uma imensa escultura, num processo doloroso, penoso, que a faz vivenciar com todos os sentimentos cada momento da morte de todos os filhos. Esta obra ficara pronta apenas em 1932, erguida na Bélgica.

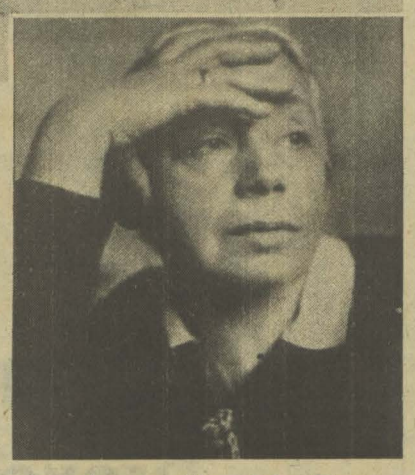
"Certamente meu trabalho se orientava pelo socialismo", disse ela certa vez. Com a ascensão dos nazistas de Hitler ao poder, em 1933, Käthe, que fora a primeira mulher a ser aceita na Academia de Artes da Prússia, perdeu a cátedra e foi proibida de expor.

FLAGRANTES DA VIDA

As gravuras de Käthe são conhecidas em todo o mundo. São, talvez, uma das obras mais difundidas. E explica-se pela capacidade desta artista do povo de refletir no papel ou em outros materiais os sentimentos das pessoas comuns, inconformadas com a situação de opressão. Käthe ora flagra a mulher deprimida, ora a coloca em riste, em luta; o frio invernal, o sangue da guerra, a sujeira dos cortiços miseirentos, a solidão nos superlotados asilos e abrigos urbanos, onde a fome e a miséria se encontram.

Seu primeiro ciclo de gravuras, "Uma revolta dos tecelões", que lhe permitiu o ingresso no pequeno espaço dos artistas, inspirou-se na peça "Os tecelões", de Gehart Hauptmann. De 1902 a 1908, ela trabalhou na produção da série "Guerra dos lavradores", e de 1907 a 1909 ela atuou numa nova área, a sátira, desenhando na revista "Simplissimus".

Na década de 20, Käthe Kollwitz transforma-se na artista militante, que desenha e pinta para as organizações políticas, produzindo cartazes e cartões, fazendo da sua arte seu discurso libertário. Em todas as lojas, casas de comércio e de serviços, em todos os lugares, vê-se os trabalhos desta artista.



"Com certeza minha arte não é pura, mas ainda assim é arte. Concordo que minha arte tenha finalidades, quero atuar nesse tempo durante o qual as pessoas estão tão desorientadas e precisando de ajuda", escreveu em seu diário. Sua ligação com a luta da classe operária a levou a produzir uma das mais famosas séries, "Proletariado", em 1925. Käthe Kollwitz morreu em 1945.

Sua exposição fica em Curitiba, até 30 de maio. De onde segue para Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo **(Télia negrão)**

Foto: Eurico Salis

Humberto, Carlos e Augusto: a vez do rock gaúcho

ENGENHEIROS DO HAWAII

Uma banda vai à luta

"O tempo que nos gera também gera generais. O tempo nunca espera que cheguem os comerciais." É o que diz uma das canções de Humberto Gessinger, da banda rock "Engenheiros do Hawaii". Uma banda gaúcha da nova geração de roqueiros brasileiros. O grupo esteve no Rio de Janeiro e São Paulo para apresentar seu show, mas avisou logo: "Voltamos para o Rio Grande do Sul. Como diz o Mário Quintana, 'provinciano é quem sai da província'."

Em janeiro de 1985, três estudantes de Arquitetura de Porto Alegre se reuniram para montar uma banda que falasse do seu mundo: "Três filhos da burguesia, é claro, pois se fôssemos uns *duros* teríamos que primeiro arranjar dinheiro para comprar os instrumentos", conta Carlos Maltz.

Passados dois anos, Marcelo Pitz saiu do grupo e foi substituído por Augusto Lichs, um guitarrista de longa estada no Sul. O nome da banda é justificado por Carlos: "O Hawaii é o paraíso decadente da atualidade, e nós os estudantes de Arquitetura. Daí pensamos nos engenheiros, profissionais calculistas, com maquininha de somar no bolso... Disso para os 'Engenheiros do Hawaii' foi um passo."

O primeiro LP, "Longe demais das capitais", surpreendeu a nível de vendas: 120 mil cópias. O segundo, "A revolta dos Dândis", já está com 70 mil cópias vendidas: "Mas nós não viemos amarrar os cavalos no obelisco", alerta Carlos, parodiando o gesto dos gaúchos na posse de Getúlio Vargas na Presidência da República. "O que queremos é demonstrar que as pessoas podem assumir o comando do próprio destino. Não sairemos do Rio Grande do Sul por causa do sucesso."

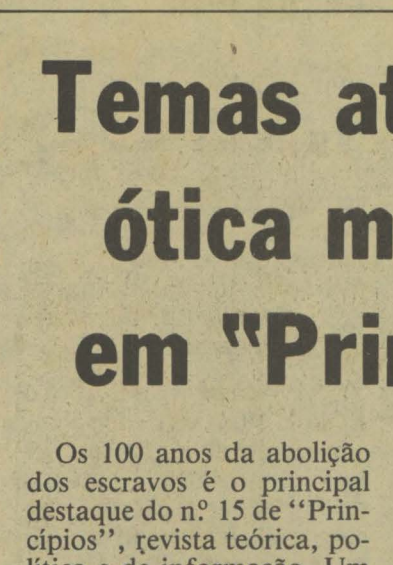
A formação musical de Humberto Gessinger, Carlos Maltz e Augusto Lichs envolve o metal, rock progressivo, jazz. As letras das canções ficam por conta de Humberto, que integra a safra de jovens letristas do rock brasileiro. São de suas canções estas frases:

"No ar da nossa aldeia há mais do que poluição. Há poucos que já foram e muitos que nunca serão." "Há muita grana atrás de uma canção." "Não sou a fim de violência, mas paciência tem limite. Além do mito que limita o infinito, além do dia-a-dia que esvazia a fantasia." "Desd'aquele dia minhas noites são iguais. Se eu não vou à luta eu não tenho paz." "Tudo bem, garota, não adianta mesmo ser livre se tanta gente vive sem ter como viver."

Temas atuais sob ótica marxista em "Princípios"

Os 100 anos da abolição dos escravos é o principal destaque do nº 15 de "Princípios", revista teórica, política e de informação. Um artigo de um dos principais estudiosos sobre a questão negra no Brasil, Clóvis Moura, registra que "atualmente, como no final da escravidão, sob a superfície de uma sociedade *moderna* mantém-se uma estrutura arcaica e ossificada, sustentada por relações de trabalho já completamente superadas".

"Princípios" publica, igualmente, a crítica marxista da teoria e prática anti-socialista da autogestão iuguslava, feita pelo dirigente albanês Enver Hoxha. No nº 15 da revista encontram-se, ainda, artigos sobre a experiência socialista na URSS, a dependência tecnológica no Brasil, as diferentes concepções no movimento feminista, o pensamento materialista e dialético de V. Z. Fock em mecânica quântica, a formação profissional dos trabalhadores e da poesia de Vinícius de Moraes, "O operário em construção".



"Princípios" custa Cz$ 200,00 e pode ser solicitada através de reembolso postal à Editora Anita Garibaldi, rúa Bororós, 51, 3º andar, São Paulo, CEP: 01320, telefone: 278-3220.

Um poema em homenagem a Lâmia

O metroviário Antônio da Silva Ortega ficou em 6º lugar no 1º Concurso de Poesia do Sindicato dos Metroviários com a obra "Lâmia", em homenagem à brasileira-palestina condenada à prisão perpétua pelo Exército sionista de Israel. Publicamos a seguir a poesia:

LÂMIA

O quanto é difícil
a luta pela liberdade.
Os algozes mesmo derrotados
não dão seus braços a torcer,
se desesperam
e se tornam mais hostis.
Nas masmorras de Israel
existe um símbolo exemplar
de resistência contra a opressão.

Lâmia
exemplo de auto determinação
da liberdade que logo virá
aos algozes derrotar.

Lâmia e Palestina
a luta contínua
de quem confia na vitória
sobre os opressores do povo.

Lâmia
significa
a luta
pela liberdade dos povos.
O opressor a mantém prisioneira
Mas como certa
é a vitória dos oprimidos.
Certa também será
sua libertação.

PESTANA

A educação diferenciada

O cartunista Maurício Pestana acaba de publicar a cartilha "Educação diferenciada" onde, em tom de sátira, demonstra os preconceitos que cercam a mulher — do nascimento à universidade e ao mercado de trabalho. Anteriormente o cartunista já havia escrito "O negro no mercado de trabalho", que se encontra em 3ª edição.

Em "Educação diferenciada" Pestana demonstra que "a rejeição no nascimento (muito comum por parte dos pais) é o início de uma longa e difícil caminhada pela qual a mulher passa na nossa sociedade. É aí que a mulher, sem que ao menos possa se defender, começa a travar uma luta com um inimigo muito perigoso: a discriminação."

A cartilha explicita: "Após muita luta contra o preconceito, a falta de incentivo e todas as barreiras que o sistema impõe poucas mulheres chegam à universidade. E quando chegam, muitos daqueles meninos que um dia o pai machista bateu no peito e disse meu filho vai ser isso ou aquilo estão por lá. E o que é impor, com toda a mentalidade machista imposta pelos pais! E estarão também futuramente ditando os critérios para a seleção no mercado de trabalho e nesses critérios estarão excluindo as mulheres."

"Educação difenciada" será lançada dia 25 de maio, às 19 horas, na Livraria Brasiliense, rua Oscar Freire, 561, São Paulo. A cartilha pode ser solicitada à Iglu Editora, rua Pedro Ortis, 40, CEP: 05440, São Paulo, fone: 813-4307.

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — São Paulo - SP — CEP 01318 — **Telefone**: 36-7531 (DDD 011) — **Telex**: 1132133 TLOBR
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Olívia Rangel, Bernardo Jofilly
ACRE: **Rio Branco**: Edifício Felício Abrahão, 2º andar, sala 32 — CEP 69900
ALAGOAS — **Arapiraca**: Pça. Luís Pereira Lima, 237 Sobreloja CEP 57000 **Maceió**: Rua Cincinato Pinto, 183 — Centro — CEP 57000
AMAZONAS — **Manaus**: R. Simon Bolivar, 231 (ant. Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — Rua João Pessoa 53, São Lázaro. Fone: 237-6644 — CEP 69000
BAHIA:- **Camaçari**: R. José Nunes de Matos, 12 — CEP 42.800
Feira de Santana: Av. Sr. dos Passos, nº 1399 — 2º andar — sala 1415 — CEP 44100
Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928 1º andar sala 1 — Centro — CEP 45600. **Itapetininga**: Av. Santos Dumont, 44 1º andar Centro. **Juazeiro**: Rua Américo Alves, 6-A CEP 44060. **Paratinga**: Rua Marechal Deodoro, 30 Centro CEP 47500. **Salvador**: R. Conselheiro Junqueira Ayres, 41 — Barris — CEP 40000. **Simões Filho**: Praça 7 de setembro (prédio da ant. Cimesf) — CEP 43700
DISTRITO FEDERAL: **Brasília**: HIGS Bloco G Casa 67 — CEP 70302 — Telefone 225-8202
CEARÁ — **Fortaleza**: Av. Tristão Gonçalves, 789 CEP 60000. **Iguatú**: Pça. Otávio Bonfim, s.n. Altos — CEP 63500. **Sobral**: Av. Dom José, 1236 sala 4 CEP 62100
ESPÍRITO SANTO — **Cachoeiro do Itapemirim**: Pça. Gerônimo Monteiro, 89 sala 2 Centro — CEP 29300. **Vitória**: Rua Prof. Baltazar, 152 CEP 29020
GOIÁS — **Goiânia**: Rua 3, nº 380 casa 6 CEP 74000. **Anápolis**: Rua 14 de julho, 821 Centro — CEP 77100
MARANHÃO — **São Luís**: Rua Osvaldo Cruz, 921 Centro Fone: 221.5440 CEP 65000
MATO GROSSO — **Cuiabá**: Rua Comandante Costa,' 548 Fundos CEP 78030 — Fone 321-5095
MATO GROSSO DO SUL — **Campo Grande**: Rua Maria Madalena, 5 CEP 79010
MINAS GERAIS:- **Belo Horizonte**: Rua Padre Belchior, 285 Centro — Fone 224-7605 — CEP 30000
PARÁ — **Belém**: Rua Manoel Barata 993 CEP 66000
PARAÍBA — **João Pessoa**: Pça. 1817 nº 116 2º andar Centro CEP 58020
Campina Grande: Praça da Bandeira, 117 1º andar Centro CEP 58100
PARANÁ — **Curitiba**: Rua Saldanha Marinho, 370 2º andar CEP 80000 Fone: 222-9120. **Londrina**: Rua Sergipe, 984 sala 206 2º andar CEP 86100
PIAUÍ — **Teresina**: Rua Desembargador Freitas, 1459 Fone: 222.2044 CEP 64000
PERNAMBUCO: **Cabo**: Rua Vigário Batista, 236 CEP 54500. **Garanhuns**: Rua Dantas Barreto, 5 sala 1 Centro CEP 55300. **Recife**: Rua do Sossego, 221, Boa Vista CEP 50750
RIO GRANDE DO NORTE:- **Natal**: Rua Jundiaí, 420-A CEP 59000 — Cid. Alta
RIO GRANDE DO SUL: **Porto Alegre**: Rua Vig. José Inácio, 687 3º andar CEP 90020. **Caxias do Sul**: Rua Bento Gonçalves, 2049 CEP 95100. **Canoas**: Rua Tiradentes, 130 sala 405 CEP 92100. **Cruz Alta**: Rua João Manoel, 433 CEP 98100. **Pelotas**: Rua Tiradentes, 2394 1º andar CEP 96010. **Santa Maria**: Rua Mal. Floriano Peixoto, 1357 Fundos — CEP 97100. **Novo Hamburgo**: Rua Lucas de Oliveira, 96 sala 6 CEP 93510. **Rio Grande**: Rua Gal. Vitorino, 746-A CEP 96200
RIO DE JANEIRO — **Rio de Janeiro**: Rua 1º de Março, 8 2º andar Fone: 252-9935 CEP 20000 — **Niterói**: Av. Amaral Peixoto 370 sala 808 Centro — CEP 24000. **Duque de Caxias**: R. Nunes Alves, 40 sala 101 CEP 25000. **Nova Iguaçu**: Trav. Renato Pedrosa, 33 sala 319 CEP 26000
SANTA CATARINA — **Florianópolis**: Pça. XV de Novembro, 21 sala 705 Caixa Postal: 1231 CEP 88075
SÃO PAULO — **São Paulo**: Rua Condessa de São Joaquim, 272 Fone 277-3322 CEP 01318 Bela Vista. **Americana**: Av. Dr. Antônio Lobo, 281 sala 6 CEP 13470. **Botucatu**: R. Armando de Barros, 817 1º andar sala 2 CEP 18600. **Campinas**: Rua Senador Saraiva, 448 Fone 2-6345 CEP 13100. **Marília**: R. Dom Pedro 180 CEP 17500. **Osasco**: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 20 2º andar, sala 12 CEP 06000. **São Carlos**: Av. São Carlos, 2119 Caixa Postal 533 CEP 13560. **Taubaté**: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 CEP 12100. **São José dos Campos**: Rua Vilaça, 195 1º andar sala 19 CEP 12200. **Guarulhos**: R. Pe. Celestino, 42 sala 8 2º andar CEP 12200
SERGIPE — **Aracajú**: Rua Itabaianinha, 145 sala 104 CEP 49010

Tribuna Operária

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-up, Fotolitos e Impressão: Cia. Editora Joruês. (Fone: 815-4999) São Paulo SP.

Política e arte na festa do PC do B

Foto Aguinaldo Zordenoni

2 mil pessoas superlotaram o auditório do Clube Espéria, com entusiasmo, disposição de luta e vibração.

Marcado pela presença maciça de operários, de líderes do movimento popular, de mulheres e de jovens; divulgando propostas que questionam profundamente as estruturas retrógradas do país; e tendo se transformado, ao longo de seu decorrer, numa autêntica festa político-cultural, a plenária de encerramento do 7º Congresso do PCdoB, realizada no último dia 15, em S. Paulo, pode ser considerada um acontecimento singular. Singular na história do movimento comunista em nosso país, que conta raros momentos de liberdade. E singular também no panorama político-partidário brasileiro, onde abundam as soluções paliativas, o desejo de se mostrar "confiável" e a conciliação de classes.

Não eram ainda 14 horas quando as primeiras caravanas começaram a ocupar o amplo auditório do Clube Espéria, todo ele forrado por mais de uma dezena de murais criados pela artista plástica Mazé Lopes Leite tendo como tema as lutas do povo e as propostas do PCdoB. Vindos de todas as regiões de S.Paulo, de municípios do interior e até de outros Estados (dois ônibus do Rio, um do Paraná, um do Rio Grande do Sul), cerca de 2 mil militantes comunistas, simpatizantes e amigos do partido, iriam abarrotar o local, já por volta das 16 horas. E lá permaneceram, interessados em conversar sobre política e em assistir às inúmeras apresentações culturais, até depois das 9 da noite.

Alguns militantes ainda agitavam as bandeiras vermelhas, por volta de 14h30, quando começou a programação cultural. Poetas comunistas leram seus versos, alguns de qualidade considerável; o coral Martin Luther King, que já havia se exibido na abertura dos trabalhos do congresso, fez nova apresentação; os cantores Du Oliveira, Ivone Torres, Jaílson, Chicaiban foram vivamente aplaudidos.

MESA AMPLA

As atenções redobraram às 16h30, quando o presidente do PCdoB, João Amazonas, assumiu a direção dos trabalhos e iniciou a parte política da festa. Amazonas anunciou a presença e convidou para a mesa delegações de partidos comunistas estrangeiros que compareceram ao 7º Congresso, e integrantes de um amplo leque de forças democráticas. Lá estavam representantes do governador Waldir Pires, da Bahia, e do prefeito Jarbas Vasconcelos, do Recife; os deputados federais Plínio Sampaio e Florestan Fernandes (PT), José Carlos Saboya (PSB), Célio de Castro (PMDB), Haroldo Lima e Aldo Arantes (PCdoB), Moema Santiago; o prefeito de Camaçari, Luiz Caetano, e a deputada estadual Jandira Feghali (PCdoB-RJ); Ali Al-Khatib, pela OLP, dona Cordolina Fonteles, mãe de Pâulo Fonteles, e um membro do comitê pela libertação da brasileira Lâmia, encarcerada em Israel. Foi comunicada ainda a presença de amigos do partido, como o jornalista Raimundo Pereira, e de outros parlamentares comunistas.

Depois, Amazonas convidou Dynéas Aguiar, dirigente do PCdoB, para fazer um breve relato dos trabalhos do congresso. Foi outro momento importante na plenária. Dynéas fez questão de destacar precisamente as decisões que marcam o caráter revolucionário do PCdoB. Falou que os comunistas mantém sua posição de continuar lutando contra o pagamento da dívida externa e combaterão os novos acordos com o FMI. Garantiu a participação do PCdoB nos movimentos pela reforma agrária. E destacou a posição do partido pela democratização completa da sociedade brasileira, com o fim do militarismo, eleições para presidente em 88 e amplas liberdades para a luta das massas populares.

UMA ORGANIZAÇÃO MELHOR

Frisou também que o congresso havia adotado medidas para que o PCdoB passe a contar com "uma organização melhor estruturada, mais aguerrida e combativa." E finalizou apresentando o novo Comitê Central comunista, eleito um dia antes e ovacionado pela platéia.

Depois, falaram os representantes de partidos e entidades democráticas e as delegações estrangeiras. Precisamente às 19 horas, Amazonas fez uso novamente da palavra para anunciar o que ainda era uma surpresa para muitos dos presentes. A Orquestra Sinfônica Jovem de Campinas, sob a direção do maestro Benito Juarez, iria fazer uma exibição especial, que se prolongou por duas horas e conferiu ao ato dos comunistas uma contribuição inédita e profundamente enriquecedora.

(Antonio Martins)

As frases da plenária

Representantes de diversas forças políticas e entidades progressistas, e delegações de partidos marxistas-leninistas do exterior pronunciaram-se no encerramento do 7º Congresso do PCdoB. A "Tribuna Operária" publica aqui algumas das principais declarações.

"Desta alta tribuna, vos trazemos as ardentes saudações e os sentimentos de amizade, de solidariedade e de respeito dos comunistas, da classe operária e do povo da Albânia socialista para os comunistas, os trabalhadores e o povo brasileiro amigo." (*Piro Kondi, representante do Partido do Trabalho da Albânia, que presenteou João Amazonas com um busto do dirigente albanês Enver Hoxha e que ao final de seu discurso agitou a plenária ao puxar, em português, o refrão: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, que viva o Partido Comunista do Brasil"*)

"Depois de 20 anos de ditadura, em que tentaram sufocar a liberdade, os reacionários têm que aceitar este Congresso, porque ele se impõe pela força. O PCdoB existe, é uma vertente do pensamento político do país e ninguém calará este partido. (...) A unidade das forças progressistas é possível, e é em nome dela que vim, e em nome dela que apelo a todos vocês, no sentido de que lutemos juntos." (*Plínio de Arruda Sampaio, deputado federal pelo PT e candidato à indicação para a disputa da prefeitura de S. Paulo*).

"Quero prestar uma homenagem, em meu nome e no do governo da Bahia, a esta grande figura que é João Amazonas. (...) É preciso que as forças progressistas se unam para acabar com as coisas terríveis que querem nos impor. Basta lembrar a volta das missões do FMI ao nosso país."

(*Carlos Meireles, representante do governador Waldir Pires, da Bahia*).

"Eu trago a emoção de assistir a um momento em que, depois de 22 anos de ditadura, uma força política muito perseguida faz marcar sua presença. (...) Fica aqui nossa reafirmação de uma aliança por melhores condições de vida para o povo e pela sua soberania." (*José Carlos Melo*), vice-prefeito do Recife e representante do prefeito Jarbas Vasconcelos).

"A história do PCdoB não só no Ceará, mas em todo o Brasil, foi marcada com muito sangue e muita luta. (...) Não adianta a UDR ir à Brasília e comprar deputados. O povo fará a reforma agrária na lei ou na marra. E a base desta e de outras campanhas fundamentais é a unidade popular." (*Moema Santiago, deputada federal do Ceará*).

"A experiência do PCdoB é um verdadeiro ensinamento de como se deve lutar num país dependente do imperialismo, e de como se pode levar um povo à vitória. (...) Vi muito entusiasmo nos militantes presentes ao Congresso. Mas nenhum desejo de impor o socialismo ao Brasil, e sim de conquistar os corações e as mentes dos brasileiros para a idéia da transformação da sociedade." (*Eduardo Pires, primeiro-secretário do Partido Comunista Reconstruído, de Portugal*).

"Quero expressar minha satisfação pelas vitórias alcançadas no 7º Congresso. Quero ressaltar também a importância do informe sobre o caminho da revolução brasileira, escrito pelo camarada Renato Rabelo, e da direção do PCdoB ser exercida por este grande marxista que é João Amazonas." (*Antonio Fernandes, dirigente nacional do Partido Comunista do Peru-marxista-leninista*).

É muito emocionante para mim estar aqui, especialmente ao ver centenas de comunistas debatendo o futuro do Brasil. No Tigré, estamos conduzindo a luta armada há 13 anos, e nestes 13 anos já conseguimos libertar 90% do território do país." (*Hailé Gessze, representante da Frente Popular de Libertação do Tigré*).

"Vocês têm no nosso partido um aliado para toda a vida, bem no coração do imperialismo americano." (*Joseph Johnson , representante do Partido Comunista do Canadá — marxista-leninista*).

Foto Aguinaldo Zordeoni

Pires: "conquistar corações e mentes".

O maestro Benito Juarez, empolgando os comunistas

A primeira surpresa veio logo que subiu o pano e a Orquestra Sinfônica Jovem de Campinas apareceu diante do público. O maestro Benito Juarez, que se tornou conhecido pelo apoio que dá às causas progressistas, não vestia o fraque pomposo que os regentes se acostumaram a envergar. Ele o havia substituído por uma calça cinza discreta e uma vistosa camisa vermelha, em indisfarçada homenagem à solenidade que iria abrilhantar.

O uso de um traje inusitado foi, porém, apenas a primeira das muitas quebras de protocolo que marcaram, no encerramento do 7º Congresso do PCdoB, a atuação deste maestro que sabe unir a correção profissional impecável à criatividade e ao bom-humor.

Um exemplo. Assim que a orquestra encerrou a segunda peça da noite, a "Internacional", um público entusiasmado puxou: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil. Viva o Partido Comunista do Brasil". Benito não titubeou. Voltou-se para a assistência e, batuta em punho, passou ele mesmo a reger o grito do refrão...

Depois, ele sensibilizou a todos com sua interpretação de "O Escravo", de Carlos Gomes; passou à MPB e atacou de "Travessia", "Coração de Estudante" e "Nos Bailes da Vida", de Milton Nascimento; executou uma valsa de Strauss; voltou a reger a platéia, que acompanhava os músicos cantando "Trem das Onze" de Adoniran Barbosa; e conquistou definitivamente os corações e as vozes quando dirigiu o "Bolero", de Ravel e "Pra não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré.

Intensamente preocupado em difundir a música erudita entre o povo, Benito citou o escritor argentino Julio Cortazar em um dos intervalos. "Nunca devemos esquecer a liberdade quando lutamos pela arte, e nunca devemos esquecer a arte quando lutamos pela liberdade." Foi demoradamente aplaudido.

Mas não só. Animada pela descontração do próprio maestro, a platéia mostrou que também ela ama a cultura, é criativa e participante. Como se fosse um show de música popular, mais gente dançou durante a valsa. E o "bravo" com que as saúdam as boas execuções foi gritado não por vozes esparsas, mas por um vibrante coro de duas mil pessoas.

Ao fim, nem João Amazonas resistiu. Ergue-se de seu lugar, subiu ao palco e fez questão de saudar pessoalmente Benito Juarez e a orquestra. "Esta apresentação — disse ele — traz uma marca nova à uma reunião comunista. A marca indispensável da cultura."

Foto Aguinaldo Zordenoni

Toques especiais no encerramento do 7º Congresso: a Orquestra Sinfônica Jovem de Campinas e seu regente, o sempre correto e criativo Benito Juarez.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois